ESCOLA DE APERFEIÇOAMENTO DE OFICIAIS

Cap Art MÁRIO HENRIQUE DE OLIVEIRA COUTINHO DA SILVA

A INFLUÊNCIA DA MISSÃO MILITAR FRANCESA NA EsAO

Rio de Janeiro - RJ

2016

Cap Art MÁRIO HENRIQUE DE OLIVEIRA COUTINHO DA SILVA

A INFLUÊNCIA DA MISSÃO MILITAR FRANCESA NA EsAO

Dissertação de Mestrado apresentada à Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Ciências Militares.

Orientador: TC R1 Sergio Luiz Augusto de Andrade

Rio de Janeiro

2016

Cap Art MÁRIO HENRIQUE DE OLIVEIRA COUTINHO DA SILVA

A INFLUÊNCIA DA MISSÃO MILITAR FRANCESA NA EsAO

Dissertação de Mestrado apresentada à Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Ciências Militares.

Aprovado em: 05 de janeiro de 2017

BANCA EXAMINADORA

_____

MANOEL MÁRCIO GASTÃO – Cel
Doutor em Ciências Militares
Presidente

_____

ANDRÉ CEZAR SIQUEIRA – Cel
Doutor em Ciências Militares
Membro

_____

SERGIO LUIZ AUGUSTO DE ANDRADE – TC
Doutor em Ciências Militares
Membro (Orientador)

À minha esposa, Amanda, meu agradecimento pelo apoio dado durante todo esse trabalho.

AGRADECIMENTOS

Ao TC R1 Sergio Luiz Augusto de Andrade, por suas orientações precisas e oportunas, pelas palavras de motivação, e por contribuir com seus conhecimentos e dedicação, sendo, dessa forma, peça fundamental no resultado final deste trabalho.

Aos oficiais instrutores e ex-instrutores da EsAO e ECEME que responderam às pesquisas, enviaram sugestões, e dividiram fontes de consulta, por terem dedicado parte de seu tempo para me fornecer, pequena, mas valiosa ajuda.

À minha esposa, Amanda, pelas correções, sugestões de melhorias e, principalmente, pela paciência em todos os momentos.

RESUMO

Apresenta uma análise acerca da influência da Missão Militar Francesa – MMF na criação e desenvolvimento da Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais. Sua finalidade é realizar um estudo crítico do processo de surgimento da EsAO, influenciado, sobremaneira, pela iminente Missão Militar Francesa, e seu desenvolvimento ao longo dos anos. Para isso, esta dissertação foi desenvolvida, em 2015 e 2016, por meio de pesquisa bibliográfica e documental, bem como pela utilização de questionário e vivência pessoal do autor como instruendo da EsAO. Através do questionário e da revisão de literatura foi possível traçar um paralelo entre a realidade enfrentada no final do século XIX, início do século XX e o momento atual, de forma a demonstrar a relevância das mudanças implementadas e seu nível atual de influência. Dessa forma, através da contextualização, foi possível entender as ideias e as situações vigentes no momento histórico apresentado, sustentando a análise sobre a importância da MMF e identificando as transformações empreendidas, bem como a reorganização e desenvolvimento vividos pelo Exército Brasileiro ao longo da permanência da referida missão no Brasil. Na conclusão, é reforçada a importância das mudanças implementadas, o legado deixado e o nível de influência da Doutrina Militar Francesa no aperfeiçoamento militar do oficial brasileiro no século XXI.
Palavras-chave: Missão Militar Francesa. Aperfeiçoamento. Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais.

Résumé

Je présente une analyse concernant l'influence de la mission militaire française de la création et du développement de l'école de perfectionnement des officiers. Sa finalité est de réaliser une étude critique du procédé d'apparition de l'EsAO, influencé particulièrement, par l'éminente mission militaire française, et son développement durant toutes ces années. Pour cela, cette dissertation a été conçue en 2015 et 2016, par des recherches bibliographiques et documentaires ainsi que d'un questionnaire et l'expérience personnelle de l'auteur comme élève de l'EsAO. Grâce au questionnaire et l'étude de la littérature, il a été possible de faire un parallèle entre la réalité affronté à la fin du XIXème siècle, début du XXème siècle et l'époque actuelle, de manière à démontrer la pertinence des changements instaurés et son niveau actuel d'influence. De cette forme, grâce à la contextualisation, il a été possible de comprendre les idées et les situations en vigueurs au moment historique présenté, soutenant l'analyse sur l'importance de la MMF et identifiant les transformations réalisées, comme la réorganisation et le développement vécu par l'armé brésilienne durant la permanence de la MMF au Brésil. En conclusion, il y a un renforcement de l'importance des changements mise en œuvre, l'héritage laissé et le niveau d'influence de la doctrine militaire française dans le perfectionnement militaire de l'officier brésilien du XXIème siècle.
Mots-clés: Mission Militaire Française. Perfectionnement. Ecole de perfectionnement des officiers.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 O Exército no 1º Reinado 26
FIGURA 2 A Guerra dos Farrapos 27
FIGURA 3 Duque de Caxias 29
FIGURA 4 Ricardo Kirk, patrono da Aviação do Exército 44
FIGURA 5 General Maurice Gustave Gamelin 47
FIGURA 6 A EsAO em 1924 e em 2004 53

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 Vencimento anual dos membros da Missão Militar Francesa 49

QUADRO 2 Quadro geral dos contratos 63

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 – Resultado do levantamento estatístico do Apêndice A..... .72
GRÁFICO 2 – Resultado do item 1, do Apêndice A..... 74
GRÁFICO 3 – Resultado do item 2, do Apêndice A.....75
GRÁFICO 4 – Resultado do item 3, do Apêndice A.....76
GRÁFICO 5 – Resultado do item 7, do Apêndice A.....78
GRÁFICO 6 – Resultado do item 4, do Apêndice A.....80
GRÁFICO 7 – Resultado do item 5, do Apêndice A.....81
GRÁFICO 8 – Resultado do item 9, do Apêndice A.....84
GRÁFICO 9 – Resultado do item 10, do Apêndice A.....86

LISTA DE ABREVIATURAS

Cap	Capitão
CCFEx	Centro de Capacitação Física do Exército
Cel	Coronel
EB	Exército Brasileiro
ECEME	Escola de Comando e Estado-Maior do Exército
EEM	Escola de Estado-Maior
EM	Escola Militar
EME	Estado-Maior do Exército
EsAO	Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais
EsEFEx	Escola de Educação Física do Exército
EsFCEx	Escola de Formação Complementar do Exército
Gen	General
GenEx	General de Exército
MMF	Missão Militar Francesa
USP	Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 13

1.1 PROBLEMA 15

1.1.1 Antecedentes do Problema 15

1.1.2 Formulação do Problema 17

1.2 OBJETIVO 17

1.2.1 Objetivo Geral 18

1.2.2 Objetivos Específicos 18

1.3 QUESTÕES DE ESTUDO 19

1.4 JUSTIFICATIVA 20

2 REVISÃO DE LITERATURA 22

2.1 A CONJUNTURA HISTÓRICA DO EXÉRCITO BRASILEIRO NO PERÍODO ANTECEDENTE À MISSÃO MILITAR FRANCESA 23

2.1.1 O Exército Brasileiro no 1º Reinado 25

2.1.2 O Exército Brasileiro na Regência 26

2.1.3 O Exército Brasileiro no 2º Reinado 28

2.1.4 O Exército Brasileiro na República 31

2.2 OS CRITÉRIOS PARA ESCOLHA DA FRANÇA PARA CAPITANEAR A MISSÃO 34

2.2.1 A Constitucionalidade da Contratação da Missão 35

2.2.2 O Papel da Alta Administração do Exército 37

2.2.3 O Porquê da França e Não da Alemanha 40

2.2.3.1 A Inclinação pela Alemanha 41

2.2.3.2 A Decisão pela França 42

2.2.4 O Contrato da Missão Militar Francesa 46

2.3 OS ETABELECIMENTOS DE ENSINO CRIADOS PELA MISSÃO MILITAR FRANCESA 49

2.3.1 A Escola de Estado-Maior – EMM 51

2.3.2 A Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais – EsAO 52

2.3.3 Outros Estabelecimentos de Ensino Criados pela MMF 53

2.4 A DURAÇÃO DA MISSÃO MILITAR FRANCESA E O NÍVEL DE SUA INFLUÊNCIA NA REALIDADE ATUAL..... 56

2.4.1 A Primeira Fase – 1919 à 1924: Chegada da Missão e as Primeiras Mudanças Implementadas 56

2.4.2 A Segunda Fase – 1925 a 1929: A Consolidação das Mudanças e o Auge da Missão 59

2.4.3 A Década de 30: Declínio e Término da Missão 62

3 METODOLOGIA 66

3.1 OBJETO FORMAL DE ESTUDO 66

3.2 POPULAÇÃO E AMOSTRA 67

3.3 DELINEAMENTO DA PESQUISA 68

3.3.1 Procedimentos para Revisão de Literatura 68

3.3.2 Procedimentos Metodológicos 69

3.3.3 Instrumentos 70

3.4 ANÁLISE DOS DADOS..... 71

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO..... 72

4.1 CONHECIMENTO DE HISTÓRIA MILITAR E DA MISSÃO MILITAR FRANCESA..... 73

4.2 O CONTEXTO HISTÓRICO DO EXÉRCITO BRASILEIRO À ÉPOCA DA CONTRATAÇÃO DA MISSÃO MILITAR FRANCESA E A SITUAÇÃO ATUAL..... 77

4.3 A INFLUÊNCIA DA MISSÃO MILITAR FRANCESA NO EXÉRCITO DA ATUALIDADE..... 79

4.3.1 Ênfase nas manobras estáticas e defensivas..... 80

4.3.2 O uso do método para solução de questões militares..... 81

4.3.3 A adequabilidade e eficácia dos fatores da decisão – missão, inimigo, terreno e meios..... 82

4.3.4 A influência da Doutrina Militar Francesa no aperfeiçoamento..... 83

5 CONCLUSÃO..... 88

REFERÊNCIAS..... 92

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO AOS OFICIAIS INSTRUTORES E EX-INSTRUTORES DA ESAO E/OU ECEME..... 94

1 INTRODUÇÃO

Ao se iniciar o estudo de um fato histórico com o intuito de compreendê-lo em sua essência e avaliar sua influência e legado, é mister situar-se no tempo e no espaço e, tratando-se de um fato militar, torna-se relevante, ainda, traçar o quadro militar nacional naquele instante.

O Exército Brasileiro do final do século XIX e início do século XX passava por um período de evidente despreparo profissional e carência de uma instrução militar que privilegiasse as ciências bélicas em detrimento das ciências exatas.

O cunho educacional eminentemente voltado às ciências exatas explica-se pela influência do pensamento positivista, dominante entre os líderes militares da época.

> O positivismo influencia fortemente a política e o Exército Brasileiro desde o período imperial. Os oficiais brasileiros aderem a essa corrente filosófica e, a partir dela, passam a organizar as escolas militares e a doutrina, alastrando sua influência por toda a corporação. A falta de projeção social vivida pelos militares auxilia nessa aproximação (BELLITANI,2010,p.66).

O despreparo profissional assentava-se sobre uma série de fatores, que passavam pela política governamental, estendiam-se aos baixos soldos, falta de material bélico moderno e ausência de capital humano e intelectual[1] capaz de promover instruções de qualidade nas escolas militares.

> O Exército não obtinha apoio para satisfazer às suas necessidades mínimas, ligadas ao cumprimento das suas missões legais, o que, todavia, lhe era cobrado. Os militares sentiam-se maltratados e, de certo modo, socialmente discriminados. E, ainda pior, não encontravam motivação para o exercício das suas tarefas específicas, já que de tudo careciam para realizá-las. Ao marasmo em carcomidos quartéis, na rotina da vida de guarnição, acrescia-se o descaso para com a atualização cultural peculiar, que os quadros requeriam – notadamente os oficiais, em todos os postos de hierarquia. (CORREIA NETO, *apud* BASTOS FILHO, 1994, prefácio)
> .

Apesar de algumas tentativas de reformas, como a de 1890, promovida por Benjamin Constant (1836-1891), e a de 1898 elaborada pelo Marechal João Tomaz

---

[1] O conceito de Capital Intelectual é algo relativamente recente. Ele é composto pelo somatório do Capital Interno (conjunto de conceitos, modelos, processos, sistemas administrativos e informacionais criados pelas pessoas e utilizados pelas organizações), Capital Externo (conjunto das relações com clientes, fornecedores, stakeholders, marcas, imagem e reputação) e Capital Humano (conjunto das habilidades das pessoas que trabalham em uma empresa em agir em determinadas situações, educação, experiências, valores e competências). (CHIAVENATO, 2006, P.1)

de Cantuária (1835-1908), o preparo profissional da força manteve-se aquém do que se esperava de um exército. O que se torna evidente quando se observa que, em uma série de momentos históricos, tais como a Revolução Federalista (1893-1895), a Revolta da Armada (1893-1894) e a Guerra de Canudos (1896-1897), o Exército Brasileiro foi incapaz de cumprir seu papel constitucional.

Esse período de notória dificuldade do Exército Brasileiro estende-se até o final da I Guerra Mundial (1914-1918), quando a ideia de se convidar uma Missão Militar Francesa passou a ser ventilada pelo General Cardoso de Aguiar (1864-1935), então Ministro da Guerra.

A França fora escolhida, primeiramente, por sua experiência em missões similares em outros países da América Latina, como em El Salvador, Guatemala, Peru, Colômbia e Bolívia, entre os anos 1881 e 1914, e por sua campanha vitoriosa na primeira grande guerra.

Além disso, sua afinidade cultural com o Brasil, já era evidenciada pela presença de militares brasileiros em terras francesas, antes mesmo da contratação da Missão Militar Francesa, como em 1912 quando o Tenente do Exército, Ricardo Kirk, realizou o curso de piloto na França, e a presença do Capitão José Pessoa Cavalcante de Albuquerque junto ao Exército Francês na I Guerra Mundial.

Contratada oficialmente em 28 de maio de 1919, por meio do Decreto nº 3741, a Missão Militar Francesa tinha como fundamento tornar a instrução militar brasileira mais moderna e alinhada com os vitoriosos conhecimentos da doutrina daquele País. No entanto, as articulações com os militares franceses datavam de antes do contrato oficial, como se pode observar na fundação da Escola de Aviação, em 1919, que teve franceses como diretores técnicos e a criação, pelo Decreto 13451 de 29 de janeiro de 1919, da Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais (EsAO).

À Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais, fundada em 08 de abril de 1920, caberia o importante papel de capacitar os capitães e majores para o comando de nível intermediário e, principalmente, qualificar instrutores para a difusão dos novos e modernos ensinamentos doutrinários oriundos da França. Percebe-se que, apesar de criada antes da contratação da Missão Militar Francesa, a EsAO tornou-

se, juntamente com a Escola de Estado-Maior, o grande vetor de disseminação dessa nova doutrina.

1.1 PROBLEMA

O mundo vive e sempre viveu a eterna dialética da guerra e da paz. Nesse contexto, a finalidade de todo exército é a guerra, contudo essa não se faz apenas no campo militar, faz-se, em primeira instância, no campo político. E este, indubitavelmente, acaba por tomar suas decisões calcadas em seu poderio militar. “O poder militar é um dos mais importantes sustentáculos do Estado, que junto ao poder político determina os novos rumos da Nação.”(BELLITANI, 2010, p.20).

Dessa forma percebe-se que os poderes político e militar caminham juntos e, lado a lado, garantem a soberania nacional. Assim, pairam algumas dúvidas que levam à problematização do tema: qual o objetivo de se contratar uma missão estrangeira para preparar a força militar nacional? Quais riscos se enfrentam ao se revelar a uma potência estrangeira as reais condições de um exército nacional? Que interesses tem um país estrangeiro em modernizar outro exército? Missões desse porte realmente provocam mudanças doutrinárias positivas? O impacto é apenas no campo militar ou, de certa forma, expande-se para os campos político e cultural? O resultado da missão foi realmente positivo?

1.1.1 Antecedentes do problema

O mundo vivia um período de grandes transformações no campo militar, o que culminou com a I Guerra Mundial. As doutrinas militares alemãs e francesas destacavam-se por seus aspectos inovadores, por sua organização e por seu profissionalismo. Ao longo de grande parte do globo terrestre, vários exércitos buscavam se espelhar nessas doutrinas e se modernizar para bem cumprir seus deveres de protetores de suas nações.

No âmbito da América Latina o primeiro a receber uma missão francesa foi o Peru. Após sofrer pesadas baixas e perdas territoriais na Guerra do Pacífico (1879-1883) o País rendia-se à necessidade de reorganização de seu Exército, o que ocorreu nos anos de 1897 a 1912.

A presença francesa foi marcante e de extremo sucesso, modernizando a doutrina militar peruana e deixando legados como a Caballería de Honra do Palácio de Governo do Peru, que fora criada à imagem e semelhança dos Dragões do Exército Francês. Em períodos semelhantes, Argentina e Chile contrataram missões alemãs, que também estiveram presentes no Império Otomano, entre 1880 e 1913, e em muitos outros países.

No Brasil, o ensino militar ainda estava voltado para as ciências humanas e teóricas. Em alguns casos, até havia disciplinas práticas, contudo não existia a execução de manobras de quadros, o que, para as doutrinas alemã e francesa, era tido como essencial.

Como afirma Mc Cann, tratava-se de “um tipo de educação que produzia escritores, burocratas e políticos, mas não comandantes de campanha competentes”. (BELLITANI, 2010, p.01).

Diversas são as formas de transmissão e aquisição de conhecimentos. Considerando as teorias clássicas como a do filósofo Platão, que afirma que o conhecimento consiste em uma crença verdadeira e justificada, ou ainda as ideias de Aristóteles que divide o conhecimento em três áreas, a ciência, a técnica e a prática “percebemos que para se ter uma crença verdadeira e para se atingir todas as áreas nada melhor que a prática”. (GERHARDT & SILVEIRA, 2009, p.18).

Assim, para um exército que vivia um período de moral diminuída, a despeito do valor individual de seu soldado, que jamais foi discutido, seguido de constantes barreiras orçamentárias e reações de meios políticos muitas vezes contrárias ao seu fortalecimento, não haveria forma mais eficiente de transmissão de conhecimentos do que a presença de elementos isolados ou grupos, em especial de países de maior nível profissional, que pudessem trazer não só o conhecimento mas também, e não menos importante, uma injeção de vontade, orgulho e a imagem de novos e gloriosos horizontes ao alcance de nossas forças.

O Exército Brasileiro estava pronto e ávido por conhecimentos, mas uma grande batalha ainda teria de ser vencida. Era necessário superar a inércia dos acomodados, as ideias opostas dos que não vislumbravam um futuro promissor, as reações contrárias de políticos temerosos pelo fortalecimento do poder militar e as intensas restrições orçamentárias.

1.1.2 Formulação do problema

Dois anos antes da contratação da Missão Militar Francesa era essa a impressão que os militares franceses tinham do Exército Brasileiro, a de que faltava basicamente tudo. Conforme as palavras de Alphonse F de La Horie “na realidade, o Brasil tem uma aparência de exército, resta tudo por fazer” (CORREIA NETO, *apud* BASTOS FILHO, 1994, prefácio)

Em um período marcado por conflitos políticos, econômicos e sociais de nível mundial, calcado pelas políticas imperialistas das grandes potências europeias, tais como os Impérios Alemão, Austro-Húngaro, Otomano, Russo, Britânico e a Terceira República Francesa, e que culminou com a I Guerra Mundial, tornava-se inadmissível para os chefes militares aceitarem um exército com reduzida capacidade operacional, incapaz de lidar com conflitos internos e ineficaz para exercer seu papel constitucional.

Assim, o objetivo principal da Missão Militar Francesa era a reestruturação intelectual do Exército Brasileiro, trazendo para a Força Terrestre uma doutrina e experiência testadas em campos de batalha, além da criação de núcleos escolares de excelência.

Dessa forma, apresentam-se, então, alguns questionamentos a respeito dessa proposta de reestruturação trazida pelos franceses. As mudanças esperadas pela Missão Militar Francesa, em meio a um cenário em que o Exército Brasileiro se encontrava carente de infraestrutura, com material obsoleto e pessoal desmotivado de fato ocorreram? Os oficiais aperfeiçoados a partir dessa nova sistemática foram capazes de absorver o conhecimento necessário e transmiti-lo de forma coerente? O aperfeiçoamento tornou-se eficaz?

1.2 OBJETIVO

O objetivo do presente trabalho é analisar o legado deixado pela Missão Militar Francesa, levando-se em consideração a criação e desenvolvimento da Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais, e traçar um paralelo entre a sistemática anterior, posterior e atual do aperfeiçoamento militar, com o intuito de demonstrar a eficácia ou não da citada missão de instrução.

Como forma de tornar o trabalho mais claro e didático, optou-se por determinar um objetivo geral e fracionar o mesmo em objetivos específicos que tratarão de maneira mais pontual assuntos de extrema relevância para o estudo.

1.2.1 Objetivo Geral

Avaliar a influência da Missão Militar Francesa na criação e desenvolvimento da Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais, tendo como foco as mudanças ocorridas no ensino militar.

1.2.2 Objetivos Específicos

Tendo em vista a abrangência do tema, e de forma a se buscar alcançar o desfecho esperado com o objetivo geral, foram traçados os seguintes objetivos específicos que, ao delimitarem o tema, permitirão o encadeamento lógico do raciocínio e conduzirão a consecução desse estudo:

a. definir a conjuntura história vivida pelo Exército Brasileiro no período que antecedeu a Missão Militar Francesa;
b. apresentar a importância e influência dos “Jovens Turcos” e da Missão Indígena;
c. descrever o processo de escolha da França para capitanear a missão e analisar as demais possibilidades à luz dos resultados obtidos e dos reflexos ainda presentes no pensamento militar brasileiro;
d. analisar o nível de comprometimento dos militares franceses com o real desenvolvimento do ensino militar brasileiro;
e. descrever a participação da Missão Militar Francesa na criação da Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais;
f. apresentar as mudanças que foram empregadas na educação militar com a chegada da Missão Militar Francesa e seus impactos para o aperfeiçoamento dos oficiais do Exército Brasileiro; e

g. concluir o estudo demonstrando se a Missão Militar Francesa ainda exerce influência no processo de aperfeiçoamento dos militares brasileiros.

1.3 QUESTÕES DE ESTUDO

A formulação do problema e seus antecedentes motivaram o surgimento de questionamentos de amplitude variada e, em alguns casos, de amplo espectro, o que conduziu à criação de objetivos específicos para traçar uma trilha delimitadora do tema. Nesse rumo, os citados objetivos permitiram formular algumas questões de estudo as quais, ao orbitarem e aprofundarem-se em torno do tema, serão a base para o presente trabalho, permitindo elucidar de uma maneira didática, clara e objetiva o problema enunciado.

a. Qual a conjuntura história vivida pelo Exército Brasileiro no período que antecedeu a Missão Militar Francesa?
b. O trabalho realizado anteriormente à Missão Militar Francesa pelos chamados “Jovens Turcos” e pela Missão Indígena fracassaram? Ou serviram de alicerce para transformações mais profundas?
c. Os critérios para a escolha da França para capitanear a missão foram baseados apenas em sua vitoriosa campanha na I Guerra Mundial?
d. A partir dos resultados obtidos, e dos reflexos ainda presentes no pensamento militar brasileiro pode-se afirmar que esta foi uma escolha acertada?
e. Qual o nível de comprometimento dos militares franceses com o real desenvolvimento do ensino militar brasileiro?
f. A criação da Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais foi fruto da iminência de uma Missão Militar Francesa ou de ideias internas de desenvolvimento do Exército Brasileiro?
g. Que grandes mudanças foram empregadas na educação militar com a chegada da Missão Militar Francesa e quais os seus impactos para o aperfeiçoamento dos oficiais do Exército Brasileiro?

h. Que outros estabelecimentos de ensino militar foram criados ou reformulados durante o período, e qual o impacto da Missão Militar Francesa sobre essas instituições?
i. Durante quanto tempo as mudanças implementadas influenciaram o aperfeiçoamento do militar brasileiro? Esses reflexos ainda podem ser observados no oficial aperfeiçoado do século XXI? No caso positivo, essa influência é benéfica ou é chegado o momento de uma nova reformulação de grandes dimensões?

1.4 JUSTIFICATIVA

Por ocasião da missão, a França trouxe para o Brasil uma doutrina que, a despeito de seu êxito na I Guerra Mundial, atualmente é duramente criticada. Tal crítica se dá pela ênfase nas posições de defesas fixas, e pelas grandes e concentradas divisões de infantaria, sem dedicar-se, em momento algum, a um combate móvel que explorasse o deslocamento rápido e eficaz dos blindados e da aviação.

O século XXI tem se apresentado como um período de aprofundamento do processo de globalização da economia e da informação. Está calcado, sobremaneira, na chamada Revolução Digital, que apesar de ter início no fim do século XX expandiu-se e desenvolveu-se de maneira surpreendente no século XXI. Nesse novo panorama mundial surgem, também, diferentes formas de conflitos, seja pela redução dos conflitos entre nações ou pelo aumento dos conflitos internos, em especial no que diz respeito ao envolvimento de exércitos regulares e irregulares.

O combate moderno apresenta-se, pois, marcado pela velocidade da informação e consequentemente das ações, trazendo a necessidade de líderes cada vez mais envolvidos com a sistemática mundial, capacitados a decidir em curtíssimo espaço de tempo e a desenvolver manobras velozes e eficazes. Além disso, a ampla, rápida e fácil divulgação de informações com imagens e sons tornam a população uma enorme massa crítica que, aliada às frequentes crises políticas e econômicas do presente século, não tolera combates de longa duração e, nem mesmo, gastos desproporcionais à efetividade das ações.

Dessa forma, o presente estudo possui relevância quando busca olhar para o oficial aperfeiçoado - responsável por comandar e por compor o Estado-Maior - com o intuito de avaliar se este está sendo capacitado e adaptado à velocidade e mobilidade dos conflitos irregulares e em ambientes urbanos, ou se este ainda sofre a influência de uma doutrina estática e calcada em posições defensivas, o que traria a necessidade de uma rápida e efetiva mudança de forma alinhá-lo, em especial, ao objetivo nacional de projeção de poder.

Com a conclusão do estudo pretende-se ter um panorama da influência francesa no início do aperfeiçoamento militar bem como seu desenrolar ao longo da história da Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais, trazendo uma reflexão sobre se as marcas deixadas pela Missão Militar Francesa perduram no aperfeiçoamento militar no século XXI e sua adequabilidade a esse novo momento.

2 REVISÃO DE LITERATURA

A Missão Militar Francesa é um marco na história do Exército Brasileiro, caracterizando um momento de formidável evolução. Conforme afirmação de Bellitani, a Missão trouxe modernidade e um maior preparo para o Exército.

> A vinda da MMF para instruir o corpo de oficiais brasileiros representa um salto de modernidade para as escolas militares ao elevar o nível dos estudos, das provas, das instruções e do preparo para a guerra. A instrução prática nos teatros de operações, o estudo tático estratégico da situação política internacional do Brasil e a valorização do militar como agente propulsor da segurança nacional conduzem o Exército a uma nova reflexão sobre o seu importante papel na vida do país. (BELLITANI, 2010,p.20)

Como exemplos do legado deixado ao Exército Brasileiro citam-se os fatores de decisão – missão, inimigo, terreno e meios – que, apesar de sofrerem um pequeno acréscimo – tempo e considerações civis – são, até os dias de hoje, ensinados para os comandantes nas escolas militares brasileiras, em todos os níveis, e estão presentes em inúmeros manuais doutrinários, como o EB20-MF-10.103, Operações.

Apesar de sua marcante participação na evolução do Exército Brasileiro, pouco se encontra sobre a Missão Militar Francesa na literatura nacional, causando, segundo Adriana Lop Bellitani, em sua tese O Exército Brasileiro e a Missão Militar Francesa: instrução, doutrina, organização, modernidade e profissionalismo (1920-1940), “esse quase silêncio histográfico”. Mas a parca literatura existente não é capaz de fazer perder o ímpeto e a vontade do saber, em especial pela importância e fascínio que giram em torno do fato estudado, o que parece também ter sido vivido por outros estudiosos como o Coronel Jayme de Araújo Bastos Filho:

> A História da Missão – sua escolha, contratação, vinda para o Brasil, composições sucessivas, proficiente atuação, exemplar procedimento – constitui-se em uma etapa importantíssima da própria história da nossa Força Terrestre, interessando também à Força Aérea Brasileira. Estudá-la e conhecê-la tem forte alcance profissional e vivo sabor castrense [...] (CORREIA NETO, *apud* BASTOS FILHO, 1994, prefácio).

Outro fato que também motiva ao aprofundamento dos estudos desse importante momento histórico reside nas similaridades existentes entre aquela época e os séculos XX e XXI, calcadas na constante necessidade do Exército de

manter-se atualizado e capaz de cumprir seus deveres constitucionais. A constante atualização em doutrina, pessoal e material, ao longo dos séculos, é certamente um dos maiores desafios para uma Força Armada, o que se mostra evidente nos conceitos presentes no EB20-MF-10.102, Doutrina Militar Terrestre:

> A Doutrina Militar Terrestre, como um dos principais vetores do Processo de Transformação do Exército na Era do Conhecimento, na busca da efetividade, baseia-se na **permanente atualização**, **em função da evolução da natureza dos conflitos**, resultado das mudanças da sociedade e da evolução tecnológica aplicada aos assuntos de defesa (BRASIL, 2014, p. 1-1, grifo nosso).

Assim, no caso do assunto proposto, visando buscar o devido embasamento teórico com um olhar crítico voltado para o que, de fato, interessa ao presente trabalho, levantou-se questões norteadoras que, para fins didáticos, foram divididas em quatro tópicos: a conjuntura histórica do Exército Brasileiro no período antecedente à Missão Militar Francesa; os critérios para escolha da França para capitanear a missão; as mudanças implementadas na educação militar e os estabelecimentos de ensino militar criados, com ênfase na Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais e a influência da Missão Militar Francesa na forma de ensino da época; a duração da missão bem como o nível de sua influência na realidade atual.

2.1 A CONJUNTURA HISTÓRICA DO EXÉRCITO BRASILEIRO NO PERÍODO ANTECEDENTE À MISSÃO MILITAR FRANCESA

O período que antecede a Missão Militar Francesa é marcado pela falta de operacionalidade do Exército Brasileiro e por experiências em que este se mostrou incapaz de cumprir seu papel constitucional. A despeito de sua valentia, era questionado pela capacidade de suas armas e principalmente pelo preparo de seus homens.

> O Exército Brasileiro até 1920 é sustentado por esse embasamento doutrinário de inspiração positivista: o objetivo dos integrantes da Escola Militar é aprender os ensinamentos de Engenharia e Matemática, deixando de lado os conhecimentos referentes à representação e função de um militar. Os militares formam-se engenheiros na Escola Politécnica e têm direito de trabalhar no meio civil; são mais acadêmicos do que combatentes, pois, em seu corpo doutrinário está enraizado o cientificismo contiano. (BELLITANI, 2010, p.04)

Mas como chegar à conclusão de que um exército encontra-se preparado, suficientemente armado e equipado, e cumpridor do seu verdadeiro papel?

Muitas são as formas de se definir uma força armada, e ao se estudá-las pode-se chegar à seguinte síntese: as Forças Armadas são fatores ímpares na organização do Estado e visam a manutenção do direito e da paz social, tornando-se, pois, o sustentáculo da ordem interna e do prestígio ante a comunidade internacional. Sintetiza ainda mais Fernando Carlos da Silva: “são, portanto, as garantias materiais da subsistência do Estado e da perfeita realização de seus fins”.[2]

Em nenhum desses aspectos enquadrava-se o Exército Brasileiro até os idos de 1920. Porém, os ideais de transformação já rondavam a caserna desde o final do século XIX e início do XX, e, ante um quadro extremamente derrotista, já vinham sendo tomadas algumas medidas na intenção de reerguer o exército. Como exemplo, podemos citar o caso em que o então ministro da Guerra Hermes da Fonseca (1855-1923), nos anos de 1906 a 1909, enviou um grupo de oficiais brasileiro à Alemanha afim de estagiarem junto ao exército alemão.

Esse grupo acabou por tornar-se um ícone na busca de modernização da força militar nacional e ficou conhecido nacionalmente como os “jovens turcos”, uma referência análoga aos oficiais otomanos que, após um período de estágio junto ao Exército Alemão, voltaram à Turquia com ideais de modernizar seu exército nacional.

Apesar dessas ações, que pretendiam mudar a realidade em que se encontrava o Exército, o que se via na caserna eram oficiais que desconheciam sua profissão, assim como quadros superiores envelhecidos e despreparados para ocupar os cargos destinados ao comando.

Novamente, paira um importante questionamento sobre a mente dos que estudam esse período: como um Exército que sustentou a proclamação da República de 15 de novembro de 1889 e que garantiu, com pulso firme e armas, a nova forma de governo adotada, pôde chegar à tamanho descrédito?

Para satisfazer essa intensa curiosidade e vontade do saber, é necessário voltar no tempo, traçando toda a conjuntura histórica desde os idos do 1º Reinado,

---

[2]Disponível em: <http://www.ambitojuridico.com.br/site/index.php?n_link=revista_artigos_leitura&artigo_id=1178 Acesso em: 31 mar. 2016

passando pela Regência e 2º Reinado, até chegar ao período da República. Assim, tendo traçada a conjuntura histórica do Exército no período, será possível avaliar a chegada, presença e impactos da Missão Militar Francesa de Instrução, pois “para se poder avaliar corretamente o trabalho realizado pela Missão Militar Francesa é preciso apresentar o Exército que ela encontrou.” (MALAN, 1988, p.20)

2.1.1 O Exército Brasileiro no 1º Reinado

Denomina-se 1º Reinado o período de 1822 a 1831, em que D. Pedro I governou o Brasil como Imperador. O Brasil, agora independente, passava por um período de intensa crise econômica e política em busca da consolidação de sua independência, o que só viria a ocorrer com a abdicação de D. Pedro em 1831.

Apesar da existência de soldados brasileiros, não havia, ainda, uma estrutura de Exército, o que fica nítido quando se verifica as constituições das tropas que lutaram por D. Pedro I. Sob o comando do marechal britânico Thomas Cochrane (1775-1860), haviam soldados brasileiros e militares europeus, a maioria ingleses e franceses contratados para a luta contra a resistência portuguesa.

O Exército Brasileiro só nasceu, efetivamente, com a Constituição de 1824 que em seu capítulo 8º tratava da Força Militar, separando os elementos das três armas e regulando a organização do Exército Brasileiro.

Percebe-se, pois, que não havia uma estrutura de Exército. Existiam ideais de sua formação, mas tudo teria de ser pensado, criado e estruturado. “Nessa fase inicial da vida do Exército Nacional, a instrução da tropa e dos quadros, pode-se imaginar, era sumária e reduzida [...].”(MALAN, 1988, p.2)

Figura 1 – Exército no 1º Reinado.
Fonte: Brasil Escola. Disponível em: <http://brasilescola.uol.com.br/ historiab/primeiro-reinado.htm>. Acesso em: 18 jan 2017.

2.1.2 O Exército Brasileiro na Regência

Caracteriza-se como Regência o período que compreende os anos de 1831 a 1840. No momento em que D. Pedro I abdicou do poder, em 1831, seu filho D. Pedro de Alcântara contava com apenas 5 anos e 4 meses de idade, estando, portanto, impedido de assumir o governo.

A Constituição brasileira vigente à época previa - em seu Título 5º, Capítulo V, artigos 121 a 130 - que, neste contexto, até que o herdeiro completasse os 18 anos o governo caberia aos chamados regentes. Seguiram-se então cinco Regências[3]: a Regência Trina Provisória, de 1831, com os regentes Lima e Silva (1785-1853), Senador Vergueiro (1778-1859) e Marquês de Caravelas (1768-1836); a Regência Trina Permanente, de 1831 a 1835, que teve como regentes José da Costa Carvalho (1796-1860), João Bráulio Moniz (1796-1835) e Francisco de Lima e Silva (1785-1853); a Regência Una de Feijó, nos anos de 1835 a 1837, com Diogo Antônio Feijó (1784-1843) como regente; a Regência Interina de Araújo Lima (1793-1870), em 1837, que teve como regente Pedro de Araújo Lima e, por fim, a Regência Una de Araújo Lima, de 1838 a 1840.

[3] Muitos autores consideram que foram quatro regências, tendo em vista que a regência interina de 1837 e a Una de 1838 a 1840 tiveram como regente Pedro de Araújo Lima.

Em 1840, agitado pelos liberais, o povo passa a pressionar o Senado a declarar o jovem D. Pedro II (1825-1891) maior de idade, contanto o mesmo com menos de 15 anos. E assim ocorreu em 23 de Julho de 1840, momento que passou a ser conhecido como “Golpe da Maioridade” e que pôs fim ao período regencial.

O período das Regências é visto como um dos mais importantes e movimentados da nossa história. Foi marcado por uma grave crise política e uma série de revoltas como a Cabanagem (1835-1840), no Grão-Pará[4], a Balaiada (1838-1841), no Maranhão, a Sabinada (1837-1838), na Bahia, e a Guerra dos Farrapos (1835-1845), no Rio Grande do Sul.

Nesses períodos, firmou-se a unidade territorial do Brasil e, enfim, estruturou-se as Forças Armadas.

Figura 2– Guerra dos Farrapos.
Fonte:G1. Disponível em:<http://educacao.globo.com/historia/assunto/imperio-brasileiro/periodo-regencial.html>. Acesso em: 20 Abr 2016.

Contudo, a estruturação das Forças Armadas só teve efeito ao final do período, vivendo momentos de grande instabilidade e incerteza. Em especial devido à criação, em 1831, pela Regência Trina, da Guarda Nacional – força que colocava o Exército em segundo plano e assumia o papel de principal força pública do poder central.

[4] A capitania do Grão-Pará (do tupi-guarani, "rio-mar") foi uma das unidades administrativas da América Portuguesa, criada em 1616 a partir de desmembramento da capitania do Maranhão e da conquista de novos territórios. Em 1850 foi extinta e desmembrada em duas unidades, formando as Províncias do Pará e a Província do Amazonas .

O General Alfredo Souto Malan destaca que no período regencial o exército foi reestruturado três vezes, nos anos de 1831, 1833 e 1839.

> Em 1831, houve, teoricamente, um ligeiro aumento de efetivo e, ao mesmo tempo, uma redução de Unidades [...] A reorganização de 1833, [...], consolida pequenas alterações e pretende formar um sistema constituído de elementos bem definidos, mas é de hesitante execução. A de 1839, praticamente abandona a de 1833 e, sob influência europeia, e notadamente francesa, assenta os postos de oficiais generais, consolida o Corpo de Engenheiros e discrimina a constituição das Unidades das Armas [...] (MALAN, 1988, p.21)

Assim, a despeito da ainda existente Guarda Nacional, o Exército se fortalece com a reforma de 1839 contando com forte apoio do então regente Araújo Lima que, dentre seus feitos, permitiu a reforma da Escola Militar.

2.1.3 O Exército Brasileiro no 2º Reinado

Esse longo período da História do Brasil inicia-se em 23 de julho de 1840, com a mudança constitucional que declarou a maioridade de D. Pedro II, e vai até 15 de novembro de 1889, com a proclamação da república.

D. Pedro II governou por 49 anos, em um período marcado por mudanças sociais, políticas, econômicas e militares. Apesar de seu pouco apreço pelas coisas militares, teve em seu governo a consolidação da nação brasileira como país independente, tornando-se importante membro das nações americanas. Isso se deu, em grande parte, pela solidificação do Exército e da Marinha, com ápice na Guerra do Paraguai (1864-1870), juntamente com a liberação dos negros escravos.

O Exército Brasileiro desfrutava de um grande momento no início deste período. Ao final da Regência e início do 2º Reinado, ainda estava em vigor a Revolução Farroupilha, que crescia de maneira impressionante e aproximava-se da conquista de seu objetivo - a independência do restante do país para formar a província Cisplatina.

Temeroso das consequências, D. Pedro II nomeia como Comandante-chefe do Exército Luís Alves de Lima e Silva (1803-1870), o então Barão de Caxias, que trazia em sua história êxito contra as revoltas em Minas Gerais e São Paulo.

Sob o comando de Caxias o Exército viveu, em 1842, o que o General Alfredo Souto Malan chama de primeiro grande esforço de remodelação, sendo o segundo vivido em 1850.

"O ano de 1842 assinala uma nova reorganização, na qual predomina uma melhoria do preparo dos quadros e uma busca da sistemática na ação, pela adoção de Regulamentos de Exercícios e Manobras das Armas". (MALAN, 1988, p.22)

Caxias, ao contrário do esperado, não faz uso da força. Através da diplomacia, negocia com os líderes tornando inimigos não D. Pedro II e a nação brasileira, e sim Manuel Oribe (1792-1857), presidente do Uruguai, e Juan Manuel de Rosas (1793-1877), presidente da Argentina. Assim, sob manifestos patrióticos aos insurrentos, Caxias finalizou a revolta com a assinatura do Tratado de Poncho Verde[5] em 1845 e passou a ser conhecido como "Pacificador do Brasil".

FIGURA 3 – Duque de Caxias.
Fonte: Jornal Ponto Inicial. Disponível em: <http://jornalpontoinicial.com.br/duque-de-caxias3/>. Acesso em: 20Abr 2016.

Em 1850, mais uma vez, Caxias foi chamado para guiar as forças do exército em combate. Temeroso de um possível desequilíbrio de forças na bacia do Prata, devido aos ideais pregados por Oribe e Rosas para criar um só país, D. Pedro II declarou guerra ao Uruguai e a Argentina e mandou organizar um novo exército no

[5] O Tratado de Poncho Verde, é o nome dado a um acordo que pôs fim à Revolução Farroupilha, voltando o território litigante a fazer parte do Império do Brasil, de D. Pedro II.

Sul sob os cuidados do agora Conde de Caxias, que decidiu invadir o Uruguai em 1851 e, ao derrubar Oribe, colocou fim ao plano de fusão.

Vivia-se nesse momento o segundo grande esforço de remodelação do Exército, assim descrito pelo General Malan:

> Em 1850, são adotados os Regulamentos do Marechal Beresford, em uso no Exército Português, para Cavalaria e também do mesmo Exército, os regulamentos do Coronel Bernardo Antônio Zagalo, estes para Infantaria. A Artilharia adota os do General Pardal e da Guarda Nacional Francesa. (MALAN, 1988, P.22)

Até o ano de 1851 o Exército contava com um efetivo de cerca de doze mil homens. Este número foi progressivamente aumentado até atingir vinte quatro mil, nos idos de 1864, e assim permaneceu até 1865, quando irrompe a Guerra do Paraguai, considerada por muitos como o conflito militar mais importante das Américas.

Tasso Fragoso em seu livro “História da Guerra entre a Tríplice Aliança e o Paraguai” resume a condição de despreparo em que se encontrava o Exército e a Marinha no ano de 1865.

> Ao explodir essa luta ingente, achava-se quase completamente desapercebido para ela. Como continuava a não possuir serviço militar obrigatório, faltavam-lhe reservas instruídas e organizadas, onde pudesse colher o material humano necessário ao esforço do exército permanente e à organização de novas Unidades. A previsão e o comando para um caso de guerra ainda se encontravam naquele estado primitivo, tão característico e comum na generalidade dos países, antes dos ensinamentos ministrados pela guerra franco-alemã de 1870. Não havíamos aproveitado com a lição que a guerra contra Rosas, em 1852, nos tinha proporcionado. (FRAGOSO,1957, p.43)

A partir da eclosão do conflito o Exército passou a viver um momento de euforia. Seu efetivo começou a aumentar de maneira desordenada, juntando-se à Guarda Nacional, que tinha grande contingente, porém, com pouco ou nenhum preparo militar, e com o Corpo de Voluntários da Pátria[6], criado em 1865 visando a incorporação da juventude nacional. Chegou-se, assim, a pouco mais de 50.000 homens no momento da invasão do Paraguai, em 1866.

---

[6] Denominação das Unidades militares criadas em janeiro de 1865, pelo Império do Brasil (1822-1889), para lutarem na Guerra do Paraguai (1864-1870), tinham como objetivo principal reforçar o efetivo do Exército Brasileiro

Ao esforço de pessoal, somavam-se outros recursos que, desordenadamente, passaram a ser postos à disposição do Exército. Como muitos autores bem caracterizam, passou a ser improvisado um Exército que fosse capaz de enfrentar as mazelas do conflito. Essa improvisação fica comprovada quando se observa que, por vezes, regulamentos foram criados no próprio teatro de operações.

Graças ao valor de nossos soldados e à destreza do comandante General Osório (1808-1879), o Brasil sagrou-se vitorioso no conflito, em 1870. Porém, ao contrário do que se esperava, as forças armadas voltaram à situação de esquecimento e descaso por parte dos governantes, que não aproveitaram os ensinamentos colhidos na guerra e, ainda, demonstraram total desprezo ao não pagar o montepio[7], uma espécie de indenização às famílias dos militares mortos ou mutilados em conflito.

Inicia-se então a crise do Império, que juntando a questão militar, a questão religiosa, o crescimento da influência republicana, já bem vista pela opinião pública, e o fato de países vizinhos, como Argentina, Uruguai e o próprio Paraguai, já adotarem o governo republicano levaram à proclamação da república em 15 de novembro de 1889.

2.1.4 O Exército Brasileiro na República

O período da República ou República Velha[8] estende-se da proclamação da República até 1930, com o início do governo de Getúlio Vargas (1882-1954).

Didaticamente, o período é dividido em duas partes. Começa com a República da Espada, onde predominava o domínio de setores mobilizados pelo Exército sob a tutela de Deodoro da Fonseca (1827-1892) e Floriano Peixoto (1839-1895), e se estende até a posse do primeiro presidente civil, Prudente de Morais (1841-1902), dando início à chamada República Oligárquica, que concedeu mais poder às elites regionais, em especial do sul e sudeste do país, e estendeu-se até a revolução de 1930. Nesse período, as forças armadas eram, basicamente,

---

[7] A Guerra terminou em 1870 e, em 1873 o montepio ainda não havia sido pago.

[8] Alguns livros adotam a denominação República Velha para o período de 1889 à 1930 em face da denominação de República Nova adotada para o governo de Getúlio Vargas que iniciou-se em 1930.

instrumentos de repressão de diversas rebeliões, como a Coluna Prestes[9], a Guerra de Canudos (1896-1897), a Guerra do Contestado (1912-1916), e a Revolta da Armada (1893-1894), dentre outras.

De forma a manter o foco do estudo, serão analisadas as condições militares até 1919, que é quando inicia-se a Missão Militar Francesa, fechando, assim, todo o ciclo de antecedentes até a chegada dos franceses.

Passado o chamado “golpe de Estado” que instaurou a republica no Brasil, foi prometido aos militares maior atenção a suas causas, em especial no que se referia ao aumento de salários, instituição da reforma compulsória, alteração dos planos de organização, reforma do ensino militar e regulamentação das promoções. Contudo, nem todo o prometido foi cumprido e, em muitas ocasiões, as reorganizações limitaram-se à aumentar o número de batalhões e regimentos.

Levando-se em consideração o período destacado (1889 a 1919), observa-se quatro importantes reorganizações do Exército. A primeira pode ser verificada nos anos de 1889 a 1895, período que se destaca por ser o primeiro em que os militares dirigiram o país. Capitaneado por Deodoro, o Exército foi reorganizado em 31 Batalhões de Infantaria, 12 Regimentos de Cavalaria, 5 Corpos de Artilharia de Campanha e 5 de posição, 2 batalhões de Engenheiros e um Corpo de Trem, o que demonstra um grande aumento dos Batalhões de Infantaria e Regimentos de Cavalaria. No entanto, esse aumento não foi acompanhado por um incremento no efetivo.

Uma importante reforma do ensino foi iniciada em 1890. Idealizada por Benjamin Constant (1836-1891), inspirado pelos ideias positivistas dos líderes republicanos, pregava a ideia de uma paz mundial duradoura e visava a preparação dos quadros. Porém, devido à insatisfação de políticos do Rio Grande do Sul e militares da Marinha, que passaram a contestar o governo, as reformas de Deodoro foram suspensas.

A segunda reorganização ocorreu no período de 1896 a 1902, tendo como ponto alto a criação, pela lei nº 403 de 24 de outubro de 1896, do Estado-Maior do Exército. Tinha como objetivo tornar o Exército uma instituição moderna, capaz de

---

[9] A Coluna Prestes foi um movimento político-militar brasileiro existente entre 1922 e 1953 e ligado ao tenentismo de insatisfação com a República Velha, exigência do voto secreto, defesa do ensino público e a obrigatoriedade do ensino secundário para toda população.

acompanhar as evoluções da arte da guerra, e recebeu a missão, a mesma que tem até os dias de hoje, de garantir o preparo da força para a defesa da Pátria no exterior e a manutenção da ordem em âmbito interno.

Durante esse período, o Exército foi posto à prova na Campanha de Canudos. A força mostrou todo seu despreparo ao ser derrotada em três expedições, vencendo a quarta através da destruição do arraial de Canudos[10] e massacre de aproximadamente vinte mil sertanejos.

> [...] Campanha de Canudos. [...] merece registro o despreparo do Exército, não só demonstrado pelo péssimo emprego da tropa, por escalões sucessivos a agir desnorteada, como se tivesse inimigo regular a frente, como também e notadamente, pela completa ausência de apoio logístico que, [...], deu ao Ministro Marechal Carlos Machado Bittencourt, [...], o título de Patrono do Serviço de Intendência. (MALAN,1988, p.30)

Após a morte do Marechal Bittencourt (1840-1897) a administração do Exército passou às mãos do Marechal João Nepomuceno de Medeiros Mallet (1840-1907), o primeiro a completar o quatriênio no comando da força. Mallet buscou a reorganização da Escola de Estado-Maior, o desenvolvimento dos serviços de engenharia, artilharia, saúde e intendência e a implantação de um programa de defesa de costa, além de medidas econômicas que tinham como foco permitir que os oficiais tivessem maior dedicação às suas funções. Com isso, o Marechal Mallet impulsionou a força em direção à renovação, porém, não obteve o êxito que esperava.

A partir desse progresso, o Exército passou a viver uma terceira reorganização, que se estendeu de 1902 à 1915. Inicialmente, no mandato de Afonso Pena (1847-1909), foi escolhido como ministro da guerra Hermes da Fonseca (1855-1923), considerado por muitos estudiosos como o principal reformador do Exército.

A reforma Hermes, como ficou conhecida, intensificou os estágios de oficiais no Exército Alemão. Foram enviados pequenos grupos nos anos de 1908,1910 e

---

[10] Pequena aldeia que surgiu durante o século XVIII nos arredores da Fazenda Canudos. Com a chegada de Antônio Conselheiro em 1893 passou a crescer vertiginosamente. A imprensa, o clero e os latifundiários da região incomodaram-se com a nova cidade independente e com a constante migração de pessoas e valores para aquele novo local. Passou-se a divulgar uma imagem de monarquista perigoso ligada à Antônio Conselheiro, o que, após ganhar o apoio da opinião pública do país, justificou a guerra movida contra os habitantes do local.

1912, os chamados “jovens turcos” que, nas palavras de Leila Maria Corrêa Capella “... pretendiam atuar sobre a sociedade como um todo, criando, a partir do exército, as bases da nação por eles desejada”. (CAPELLA,1988, p.163)

Destaca-se, ainda, a criação da Escola de Comando e Estado-Maior, em 1905, e a lei nº 1860, de 04 de janeiro de 1908, que estabelecia o serviço militar obrigatório em tempos de paz (outras leis, de 1874 e 1892, já o faziam mas não eram cumpridas), criava os serviços de reserva de primeira e segunda linha, e organizava o Exército em 5 Brigadas Estratégicas, 3 Brigadas de Cavalaria, 1 Brigada Mista, além de criar a arma de Engenharia e os quadros de Intendentes, veterinários e dentistas.

Por fim, chega-se à quarta reorganização, que é a que conclui o período de evolução do Exército antes da chegada da Missão Militar Francesa. Tal momento, teve como Ministros da Guerra o Marechal Caetano de Faria (1855-1936) e o General Alberto Cardoso de Aguiar (1864-1935), que participou de maneira decisiva na contratação da Missão, e, ainda, Pandiá Calógeras (1870-1934).

O Decreto nº 11497 de fevereiro de 1915 transformava as Brigadas Estratégicas em Divisões de Exército, fixava o efetivo em 52000 homens, estabelecia que o presidente da República seria o comandante supremo do Exército e definia os órgãos do alto comando: Ministério da Guerra, Estado Maior do Exército (EME) e Inspetoria do Exército.

Assim, verifica-se que o Exército encontrava-se, às vésperas da Missão Francesa, sofrendo reflexos da influência exercida pelos oficiais que estagiaram no Exército Alemão. Porém, ainda era desorganizado e incapaz de fazer guerra, apesar de estar vivendo o ambiente da Primeira Guerra Mundial.

2.2 OS CRITÉRIOS PARA A ESCOLHA DA FRANÇA PARA CAPITANEAR A MISSÃO

Sob a influência da Primeira Guerra, e ainda impulsionado pelas reorganizações e reformas promovidas pelo Marechal Mallet e por Hermes da Fonseca, era cada vez mais forte a motivação em prol da contratação de uma missão estrangeira pelo Exército Brasileiro.

Desde o início foram estabelecidas duas frentes, uma voltada à contratação de uma missão de origem alemã – em especial formada pelos jovens turcos, pelo Barão do Rio Branco e Hermes da Fonseca – e outra favorável à contratação de uma missão de origem francesa – tendo como representantes Pandiá Calógeras e Epitácio Pessoa. Essa dualidade gerou intensos debates como bem expressa o Coronel Jayme de Araújo Bastos Filho.

> O debate em torno de criar-se no Brasil uma missão militar de instrução, composta de estrangeiros, foi intenso nos anos de 1917 e 1918. A missão teria por finalidade promover a reorganização do Exército Brasileiro, dando-lhe um confiável grau de operacionalidade, compatível com os padrões e recursos gerados ao longo da Primeira Guerra Mundial. (BASTOS FILHO, 1994, p.3)

Assim, em prol de defender a contratação da missão, ou combatê-la, muitos questionamentos começaram a surgir das mais diferentes frentes, dentre os quais serão estudados: a constitucionalidade da contratação da missão; o papel da alta administração do Exército; o porquê da França e não da Alemanha; e o contrato da Missão Militar Francesa assinado em setembro 1919.

2.2.1 A Constitucionalidade da Contratação da Missão

A compatibilidade entre a contratação da missão e a Constituição Brasileira foi, sem dúvida, uma das maiores barreiras enfrentadas para que a missão pudesse ser efetivada, a começar pelos questionamentos do então Ministro da Guerra, Marechal Caetano de Faria (1855-1936), que levantou a dúvida, em seu pronunciamento na Câmara dos Deputados, se os estrangeiros poderiam exercer funções de oficias em nosso Exército.

> Um dos que levantou dúvida sobre a constitucionalidade da missão, foi o Marechal Caetano de Faria, ou seja, o próprio Ministro da Guerra em exercício. Seu pronunciamento foi lido na Câmara, durante a sessão de 15 de novembro de 1917, pelo deputado Gonçalves Maia. Dele consta o seguinte trecho: “É preciso verificar [...] se estrangeiros que não podem ser soldados em nosso Exército, poderão exercer funções de oficiais, e se nossos oficiais e praças podem ser obrigados a obedecer.” (Anais da Câmara dos Deputados, 1917, vol.11, p.53, apud BASTOS FILHO, 1994, p.4)

Em 30 de novembro de 1918 foi apresentado, na Câmara dos Deputados, o projeto nº 425 que tinha por finalidade autorizar a contratação da missão, suscitando ainda mais debates, agora, nas palavras do Deputado Joaquim Osório que questionava a presença de estrangeiros no país desempenhando serviço público nacional. O Deputado baseava suas alegações no artigo 73 da Constituição de 24 de fevereiro de 1891, que afirmava serem os cargos públicos civis ou militares acessíveis somente aos brasileiros, aceitando-se os estrangeiros apenas nos casos previstos no artigo 69, ou seja, quando adquirissem a qualidade de cidadãos brasileiros.

Essa proibição do acesso de estrangeiros a cargos público tinha como cerne a segurança do Estado, acreditando-se que somente os nacionais teriam o necessário patriotismo para defender a nação. Assim, temia-se que o ingresso de estrangeiros no Estado-Maior do Exército representasse uma intervenção estrangeira, ao mesmo tempo em que, ao se contratar a missão, fazia-se necessário permitir ao chefe desta o acesso aos altos escalões do Exército para que a mudança fosse eficaz.

A solução para o impedimento constitucional acabou sendo mais simples do que se esperava. Em uma interpretação literal a Câmara dos Deputados entendeu que, por estar explicitamente escrito no projeto, o Brasil estava autorizado a contratar uma missão para fins de instrução, e não de comando, dessa forma não havendo incompatibilidade constitucional. Assim, na sessão de 23 de dezembro de 1918 o projeto nº 425 foi aprovado na íntegra pela maioria esmagadora dos votos[11].

Seguiu-se à aprovação, a contratação de uma missão francesa de aviação voltada à instrução dos pilotos e composta, inicialmente, de acordo com Malan: “[...] de 3 oficiais, 1 sargento-ajudante especializado em fotografia aérea e 5 sargentos mecânicos”. (MALAN,1988,p.16).

Somente em 1919 é que a missão de instrução foi de fato contratada. Os atos oficiais iniciam-se com o Decreto Legislativo nº 3674 de 7 de Janeiro de 1919, que em seu artigo 54 autorizava o Governo a contratar a missão:

> Art 54 O Governo é autorizado: [...]

[11] O projeto 425 foi aprovado por 93 votos contra 21, conforme consta nos anais da Câmara dos Deputados, vol.13. p.617.

> c) a contratar uma missão de oficiais estrangeiros para instrução do Exército, devendo o respectivo Chefe servir junto ao Estado-Maior como assistente técnico; e a abrir o crédito necessário para execução desse serviço, de acordo com a regulamentação que expedir.

Destacam-se no texto do decreto a preocupação de se colocar o Chefe da missão como assistente técnico, de forma a não ferir a constitucionalidade, e a ausência da definição do país responsável pela missão.

Por fim, findos todos os embates constitucionais, o decreto de 28 de maio de 1919 autorizou a contratação da missão junto à França:

> Art. 1º. O Governo contratará na França, para fins de instrução no Exército, uma missão militar, composta de tantos oficiais quantos o Ministério da Guerra achar necessários.
> Art. 2º. O chefe da missão servirá junto ao Estado-Maior na qualidade de assistente técnico e terá a superintendência de todos os serviços confiados aos oficiais da missão.
> Art. 3º. Fica desde já o Governo autorizado a abrir os créditos necessários para a execução desta lei.

2.2.2 O Papel da Alta Administração do Exército

Nos idos de 1915 a alta administração do Exército era deveras questionada. Sob o comando do Marechal Caetano de Faria, o Exército passava por mais uma remodelação, que já durava três anos, sem apresentar resultados satisfatórios. O calor da Primeira Guerra Mundial fazia com que os olhares se voltassem cada vez mais para as fileiras militares e, assim, aumentassem a insatisfação com um Exército despreparado.

Em geral, questionava-se a dedicação e eficiência da alta administração militar. Tinha-se como argumento base a ideia de que enormes somas foram aprovadas e gastas sem que, no entanto, as reformas fossem eficazes, não gerando sequer os mínimos efeitos desejados, e trazendo a dúvida sobre a capacidade da Força Terrestre num momento em que o mundo estava em guerra.

> Durante os últimos 20 anos de paz do regime republicano, a Nação gastou com o Exército aproximadamente ouro 3.000.000 $ e 1.200.000 $ papel; a alta direção do Exército esteve sempre nas mãos das altas patentes militares, seis marechais e seis generais-de-divisão. Três reformas do Exército foram apresentadas; a organização Mallet em 1901, a reorganização Hermes em 1908, e a atual remodelação Faria 1915. [...] Entretanto, na difícil situação internacional presente, no momento crítico em

> que o País poderia ter necessidade de seu aparelho militar para defesa própria, o Poder Executivo solicitou ao Congresso providências extraordinárias, declarando que Exército e Marinha não se achavam preparados. (Justificação do Projeto nº 306 de 24 de outubro de 1917, apud BASTOS FILHO, 1994, p.13)

A reforma Faria buscava, em parte, suprir as necessidades de guerra, ao menos em efetivo, e para isso tinha dois pontos chaves: o primeiro, ser capaz de incorporar reservistas em número suficiente para fechar a primeira linha; e o segundo, ter uma força capaz de passar a situação de guerra sem a necessidade de criação de novas unidades, mesmo quando incorporados os reservistas.

Contudo, na prática o Exército mostrava-se desorganizado, longe de ser uma força moderna. Faltava material bélico, animais de montada e de tração, organização administrativa e, além disso, a força estava carente de preparo e adestramento, a tal ponto de ter questionada sua capacidade para fazer frente a inimigos sul americanos. Conforme demonstrou Maurício Lacerda: "[...] Em uma luta isolada, porém, mesmo entre países sul americanos, luta que não queremos, mas que pode nos ser imposta, seremos fatalmente sacrificados [...]". (Justificação do Projeto nº 306 de 24 de outubro de 1917, apud BASTOS FILHO, 1994, p.15).

Essa fragilidade do Exército Brasileiro também fica demonstrada na obra de Bellitani:

> […] tanto o Ministério da Guerra, quanto o EME e outros órgãos a eles associados não possuem, a essa época, nenhuma eficácia real, pois, em caso de necessidade de aplicação prática em algum teatro de operações, não há material, nem instrução para emprego da força. As escolas militares funcionam em péssimas condições, sem exercícios práticos e com baixíssimos rendimentos. (BELLITANI,2009, p.210)

As críticas à alta administração eram severas e expunham um estado de inoperância das forças, levando à conclusão que a solução mais rápida e menos custosa seria seguir o exemplo de outros países: contratar uma missão estrangeira para se encarregar da organização e modernização de nosso Exército. Tratava assim Maurício Lacerda:

> O contrato de missões militares estrangeiras dos exércitos mais adiantados, tem sido o caminho mais curto e mais econômico seguido pelo Chile, Argentina, Peru, Países Bálticos, etc. Aliás, isso não é mais do que a aplicação, à organização das forças militares, do velho princípio empregado em todas as atividades; aprender com que sabe. Neste momento, não é outro o método seguido pelos Estados Unidos e, se outros novos

> ensinamentos trouxeram a guerra europeia, mais forte razão o aconselha. (Justificação do Projeto nº 306 de 24 de outubro de 1917, apud BASTOS FILHO, 1994, p.15)

No entanto, o alto escalão militar não comungava das mesmas ideias. Opunha-se fortemente à contratação da missão militar estrangeira alegando que essa iria desnacionalizar nossa tática e tomar conhecimento de nossos segredos militares. O Ministro do Exército, Marechal Caetano de Faria, insistia em sugerir que novas verbas fossem aprovadas e destinadas à melhoria da força.

Essa oposição iniciou uma disputa nos meios militares, pois os jovens oficiais, em especial os "jovens turcos", ansiavam por uma modernização do Exército e estavam ávidos para verem aproveitada sua experiência adquirida na Alemanha.

> A solução dos males do Exército estaria em unir-se, em trabalho comum, a experiência de militares franceses com o descomprometidamente saudável vigor das mais novas gerações de oficiais, aliás, das quais emergiam os "jovens turcos". (BASTOS FILHO,1994, p.21)

A disputa entre os jovens e ambiciosos oficiais contra os integrantes do alto escalão, considerados por muitos como cansados e desmotivados, tornou-se evidente quando a revista Defesa Nacional[12] teve, em 10 de julho de 1918, censurada sua coluna intitulada de "O Memorial de Oficiais do Rio Grande, de maio de 1917; O Seu Suprimento; O Nosso Editorial do nº 55; A Viagem de Inspeção do Chefe do Estado-Maior". Nesse artigo transcreviam-se as impressões do Chefe do Estado-Maior com a falta de pessoal e material, e a precariedade dos aquartelamentos no Rio Grande do Sul.

Assim, seguiram-se calorosos debates na Câmara dos Deputados sobre a pertinência ou não da missão, estando de um lado seus defensores dos quais destacamos Maurício Lacerda e Pandiá Calógeras, e de outro seus opositores, como os ilustres deputados Antônio Aguirre e Joaquim Osório. No entanto, entre eles observa-se um ponto em comum, a falha na administração. Como bem expõe o deputado Joaquim Osório em sua fala na sessão de 23 de dezembro de 1918: "[...] A

---

[12] Revista de Assuntos Militares criada em 1913 no Rio de Janeiro por iniciativa de um grupo de militares que havia estagiado durante dois anos junto ao Exército Alemão, grupo conhecido como os "Jovens Turcos".

questão cifra-se em administração". Anais da Câmara dos Deputados,1918,vol.13.p.619)

Por fim, cientes de que administração era o verdadeiro problema, e após a incontestável vitória da França e derrota da Alemanha ao fim da Primeira Guerra Mundial, em 11 de novembro de 1918, as portas estavam abertas para a chegada da Missão Militar Francesa. Vencia-se, pois, o espírito cansado e acomodado da alta administração militar da época.

2.2.3 O Porquê da França e Não da Alemanha

Ao final do século XIX e início do século XX três grandes potências se destacavam no campo militar: a Grã-Bretanha, a Alemanha e a França.

A Grã-Bretanha, apesar da derrota de Napoleão nas Guerras Napoleônicas, tornou-se a principal potência naval do século XIX, o que suscitou o interesse de muitos países em aprender sobre seus feitos gloriosos. Mas, por questões políticas e culturais, a Grã-Bretanha estava mais voltada ao adestramento bélico dos integrantes do Reino Unido, não se motivando, assim, pelo envio de missões militares a outros países. Diferentemente, Alemanha e França emergiam como grandes formadores de discípulos.

O próprio Brasil, nos idos de 1845, chefiou uma missão militar de instrução no Paraguai, na qual contribuiu não só com pessoal, mas também com material. Como cita Malan: "[...] em 1846, é precisado o vulto da ajuda solicitada, tanto em material – indo da pólvora aos fuzis, espadas e peças de artilharia – como em pessoal: [...] total de 82 militares." (MALAN, 1988, p.13).

A Alemanha começou a ganhar notoriedade com as vitórias nas campanhas da Áustria, em 1866, contra a França, em 1870, e após consolidar sua unificação, em 1871. Isso trouxe como consequências a criação do II Reich na Alemanha[13] - Império Alemão, o seu desenvolvimento econômico e militar, e o crescimento do poder geopolítico alemão na Europa, tornando-a um país cobiçado para a transferência de conhecimentos e experiências no campo militar.

---

[13] Nome dado ao Império Alemão, existente entre 1871 e 1918, sendo composto pelo território alemão unificado e vários domínios ultramarinos espalhados pela África, Ásia e Oceania.

A França sempre demonstrou um espírito cartesiano, vocacionado para o magistério. Dotada de ideias doutrinarias provenientes de Napoleão, tinha como cerne de sua doutrina a economia de forças, a divisão do exército em grandes unidades, o desenvolvimento de técnicas de espionagem e a ênfase para as defesas fixas – guerra estática.

Após o grande sucesso da lei do serviço militar obrigatório, em 1889, praticamente igualou o seu efetivo ao do Exército Alemão – cerca de 500.000 homens. Esses fatores, aliados a sua riqueza e, posteriormente, à vitória na Primeira Guerra Mundial, fizeram da França um dos maiores “exportadores” de missões militares de instrução.

Após governo e legisladores assimilarem a ideia de que o Exército Brasileiro precisava de uma missão militar de instrução, faltava o principal: definir o país que chefiaria essa missão. No início do século XX, em 1906, foi introduzido no Orçamento de Guerra uma autorização para estágios no exterior e desfrutando dessa autorização cerca de 30 oficiais estagiaram nos Corpos de Tropa do Exército Alemão.

2.2.3.1 A Inclinação pela Alemanha

Apesar de o país estar vivendo uma Missão Militar de Instrução Francesa que tinha a finalidade de organizar e instruir a força policial, a então Força Pública do Estado de São Paulo, a ideia que inicialmente reinava no Brasil era a da contratação de uma missão Alemã. Essa inclinação pode ser comprovada pelas inúmeras vezes que o Brasil fechou parceria com a Alemanha antes da contratação da MMF.

No início do séc. XX os alemães, dotados de uma grande produção industrial, buscavam uma clientela militar para absorver seus excedentes e encontraram no Brasil um grande parceiro. À época o Exército Brasileiro estava equipado com o Fuzil Mauser, da fabricante alemã de armas Mauser-Werke Oberndorf Waffensysteme Gmb, e o canhão Krupp, também fabricado na Alemanha pela empresa Krupp. Havia, também, a expectativa da chegada das metralhadoras Madsen, de origem Dinamarquesa, que, no entanto, nunca chegaram ao Brasil em virtude da eclosão da Guerra na Europa.

> Além das exportações, as indústrias alemãs fazem ofertas para produzir, na região de Encruzilhada, no Rio Grande do Sul, região que possuía jazidas de estanho. O governo do Reich passa a encomendar manganês aos Estados do Espírito Santo, Minas Gerais e Bahia. Os colonos que habitavam a região são excelentes informantes sobre as riquezas locais. Assim, além de exportar e importar minérios, os alemães se interessam por estabelecer firmas no Brasil. (BELLITANI,2009, p.183)

A influência dos “Jovens Turcos” era fortemente sentida por todo o povo brasileiro. Eles se utilizavam de uma recém criada fonte de divulgação – a revista “A Defesa Nacional”, que fora baseada na revista Militar Wochenblatt, publicada por militares alemães em Berlim desde 1816 – para difundir as vantagens de se contratar uma missão de cunho alemão. Nela exaltavam a doutrina e armamento alemães, chegando ao ponto de, em algumas publicações, afirmar categoricamente que a missão militar para o Brasil teria que ser daquele país.

A vontade nacional de se contratar uma missão alemã era crescente, e em setembro de 1908 embarcou para Berlim uma comitiva de brasileiros que tinha como integrantes o Marechal Hermes da Fonseca e o presidente Afonso Pena. Essa comitiva tinha como finalidade avaliar e viabilizar a contratação de uma missão alemã.

O Marechal Hermes retornou ao Brasil deslumbrado. Os alemães, que já eram considerados por muitos como a expressão perfeita do militarismo, ganharam ainda mais força, passando a serem tomadas as medidas para a realização do contrato de uma missão estrangeira de instrução. No entanto, com a deflagração da Primeira Guerra Mundial, em 28 de julho de 1914, não havia mais condições de os países europeus manterem-se em conflito e em missões militares de instrução ao mesmo tempo. Assim, suspendeu-se o envio de armamentos e pessoal da Europa para as Américas até o final do conflito, o que fez com que se adiasse a vinda da missão estrangeira para o Brasil.

2.2.3.2 A decisão pela França

Ao final da Primeira Guerra Mundial, sagraram-se campeões os Aliados – compostos, entre outros, por França e Grã-Bretanha. Assim, havia pouco ou nenhum espaço para a contratação de uma missão de origem alemã. A França

passou a despontar como referência militar mundial, fazendo com que o Brasil deixasse de lado o já praticamente alinhavado contrato de missão com a Alemanha e voltasse seus olhos para uma missão francesa.

Um pouco de influência e resistência a favor da missão alemã ainda perdurou no Brasil, desempenhada em especial pela chamada “Missão Indígena”, um grupo de instrutores que, em 1919, assumiu toda estrutura de ensino da Escola Militar do Realengo. Esses instrutores, em quase sua totalidade, tinham como base ideológica os aprendizados que adquiriram nos estágios realizados no Exército Alemão e foram selecionados, pelo então ministro Cardoso de Aguiar, para equiparar a instrução de nossa escola militar ao que era ensinado e praticado na Europa.

Assim, parece ficar claro que não fosse a ocorrência do conflito ou fosse a Alemanha do grupo de vencedores o Brasil teria uma missão militar de cunho alemão.

É indiscutível que os vitoriosos usufruíram de propaganda espontânea, mas será que o único motivo para escolha de uma missão de origem gaulesa foi a vitória aliada na chamada Grande Guerra?

> Naquela época, a França era paradigma da cultura neolatina e o mais ativo foco disseminador de cultura, no mundo. O Brasil, em termos culturais, era caudatário da França, em cuja órbita espiritual gravitava. Essa influência, com acentuados ingredientes sentimentais, mais excitados pela guerra recente, certamente teve força para dar toque decisivo para escolha. (CORREIA NETO, 1994, apud BASTOS FILHO, 1994, prefácio).

Nas palavras do Gen Ex Jonas de Morais Correia Neto (1903-1998) fica claro que não foi só a vitória em combate que proporcionou à França ser escolhida para a missão. Eram fortes as influências culturais e linguísticas, ideia comungada, inclusive, por aqueles que fizeram parte da MMF, como o General Maurice Durosoy, “[...] no que concerne ao Brasil e à França, foram as afinidades espirituais, de confiança e de doutrina, laços que aproximam duas culturas, que presidiram o relacionamento entre os dois exércitos.” (DUROSOY, apud MALAN,1988, prefácio)

Essas afinidades culturais já haviam sido estreitadas no século XIX quando, em 26 de março de 1816, chegou ao Brasil a chamada Missão Artística, que revolucionou o país nos campos da pintura e escultura, introduziu o sistema acadêmico de ensino superior e ainda fortaleceu o incipiente neoclassicismo. Tudo

isso, certamente, influenciou a contratação de uma missão militar que, na grande maioria, são solicitadas entre países com os quais se tem afinidades nos campos linguístico e cultural.

O Brasil já tinha grande ligação militar com os franceses, proveniente, sobretudo, do temor que os franceses nutriam pelo avanço alemão no início do século XX, o que levou o governo francês a abrir suas portas à entrada de brasileiros em seus quarteis, abertura, essa, formalizada por Stephen Pichon então ministro das Relações Exteriores da França, em 1910.

Desfrutando dessa abertura, em 1912, o Tenente do Exército Ricardo Kirk (1874-1915) foi enviado à França para realizar, na École d'Aviation d'Etampes[14], o curso de piloto. Sendo brevetado em 22 de outubro de 1912, tornou-se o primeiro oficial aviador do Exército Brasileiro.

FIGURA 4 – Ricardo Kirk, patrono da Aviação do Exército.
Fonte: CAvEx. Disponível em:
< http://www.cavex.eb.mil.br/historico.html>. Acesso em: 29 Abr2016.

Contudo, em se tratando de missões militares somente no século seguinte ocorreu, de fato, primeira missão em solo nacional – a já citada, Missão Militar Francesa junto ao Governo do Estado de São Paulo, sendo considerada o pilar fundamental para a contratação da MMF junto ao Exército Brasileiro.

[14] Escola francesa de formação de pilotos militares, responsável pela formação das esquadrilhas francesas que atuaram na 1ª Guerra Mundial.

A eclosão da Primeira Guerra Mundial fez com que as influências militares estrangeiras em outros países diminuíssem. A França, porém, desejava manter suas relações com o Brasil em expansão mesmo durante o conflito, o que viabilizou o envio do Capitão José Pessoa Cavalcanti de Albuquerque (1885-1959) aquele país para iniciar, na Escola Militar de Saint-Cyr, seus estudos de motorização e mecanização, aperfeiçoando-se nos fundamentos da arma de cavalaria e aplicação dos carros de combate na batalha.

Após seus estudos, o Capitão José Pessoa foi enviado para seu “batismo de fogo”. Designado comandante do 4º regimento de Dragões, da 2ª divisão de cavalaria do exército francês, travou contato com os modernos Renault FT, sendo decisivo na contraofensiva aliada. Posteriormente, em 1919, serviu no 503º Regimento de Artilharia de Carros de Assalto sendo o elo fundamental para a parceria do Brasil com a França, que resultou na compra dos carros de combate Renault FT-17 pelo nosso exército.

Soma-se aos fatores já apresentados o rompimento das relações diplomáticas entre Brasil e Alemanha, ocorrido em 5 de abril de 1917 após o navio a vapor brasileiro Paraná, carregado de café, ser atacado por um submarino alemão a poucas milhas do cabo Barfleur, na França, resultando na morte de três brasileiros. Destaca-se que até aquele momento o Brasil estava em posição de neutralidade, declarada em 04 de agosto de 1914, passando à situação de guerra em 26 de outubro de 1917, quando juntou-se ao bloco Aliado tornando-se beligerante.

Dois elementos foram figuras chave no estreitamento das relações entre Brasil e França visando a contratação da MMF, o adido militar francês no Brasil e o adido brasileiro na França. Ambos, aproveitando-se do rompimento das relações diplomáticas com a Alemanha, sugeriram a contratação da missão de instrução francesa em proveito do Exército Brasileiro.

O Cap Alphonse de La Horie era o adido militar no Brasil em 1917. Ele, que já tinha um vasto conhecimento sobre o Brasil, devido a sua participação na Missão Militar Francesa junto ao Governo do Estado de São Paulo, agora dedicava-se a estudar e apoiar a vinda de uma missão para desenvolver o Exército. Segundo Malan o capitão Francês tinha o seguinte plano: “[...] a reativação da Missão de São Paulo, sólido ponto de apoio da ação francesa ulterior; e envio de uma Missão Militar

Brasileira à França, que, em sua volta, precederia à Missão Francesa e lhe facilitaria o trabalho". (MALAN,1988, p.43)

E assim se procedeu. Em 1918 foi retomada a missão junto à Força Pública de São Paulo. Nesse mesmo ano, começaram a chegar à Paris os oficiais destacados para a "Missão Aché"[15], no mês de agosto partiu do Brasil a "Missão Médica"[16], e, em outubro, foi efetivado o contrato da "Missão de Aviação"[17]. Cumpriu-se, assim, todo o planejado por De La Horie, o que abriu caminho para que, em 1919, surgissem os atos oficiais dedicados à missão de instrução do Exército Brasileiro.

2.2.4 O Contrato da Missão Militar Francesa

Estando sacramentada a decisão de contratar a França como país responsável pela mais importante reformulação do Exército Brasileiro, restava agora a efetivação do contrato. Antes, porém, uma importante decisão deveria ser tomada: a quem caberia o comando da missão?

Com essa preocupação em mente, em dezembro de 1918, o então Ministro da Guerra, General Alberto Cardoso de Aguiar (1864-1935), passou a trocar correspondências com o adido militar à legação do Brasil, solicitando a indicação de um General francês para chefiar a missão. Após intensas discussões e indicação de vários militares, chegou-se ao nome do General Gamelin.

---

[15] Missão chefiada pelo General Napoleão Felipe Aché e enviada à França com o intuito de absorver conhecimentos e adquirir material.

[16] Sob o comando de Nabuco Gouvêa participou da montagem de um hospital que atendeu a dezenas de aliados.

[17] Responsável pela criação, organização e funcionamento da Aviação do Exército Brasileiro.

FIGURA 5 – General Maurice Gustave Gamelin.
Fonte:Alchetron. Disponível em: < https://alchetron.com/ Maurice-Gamelin-1230083-W>.Acesso em:19 Jan 2017.

Tão logo se confirmou a indicação do General Gamelin, o Ministro da Guerra brasileiro apressou-se em passar a ele as ideias que se pretendiam com sua chegada ao Brasil. Como bem destacou o General Malan:

> [...] adianta o Gen Cardoso de Aguiar, algumas ideias para motivar o pensamento do futuro Chefe da Missão: a criação de uma Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais e atribuir à Missão a direção de estudos da novel Escola Superior de Guerra [...] (MALAN, 1988, p.66).

Agora o Exército Brasileiro estava pronto. Já havia a fixação da despesa – Decreto nº 3674 de 07 de janeiro de 1919, a autorização legislativa – Decreto nº 3741 de 28 de janeiro de 1919, bem como a indicação do chefe da missão – Gen Gamelin, tornando-se necessário, apenas, formalizar os termos no contrato inicial.

Em 03 de junho de 1919 são iniciados os primeiros contatos para concretização das bases do contrato. Como descreve o Gen Malan: “A partir de 03 de junho de 1919, nossa Legação em Paris foi informada – via adido militar – das bases do contrato [...]” (MALAN,1988, p.82). Participaram de todo o processo o Ministro da Guerra, o Ministro das Relações Exteriores, os adidos militares e o Gen Gamelin.

Passados praticamente 3 meses do início das discussões, chegou-se ao término da redação do contrato. “No dia 28 de agosto de 1919, quase três meses

depois de iniciados os entendimentos finais, Calógeras informa ao Presidente Epitácio do término da redação do contrato" (MALAN,1988, p.95). No entanto, apesar de findos os trabalhos a assinatura do contrato só foi efetivada em 08 de setembro de 1919. "Mas, assim mesmo, somente passados onze dias foi o contrato finalmente firmado [...]". (MALAN,1988, p.95)

Estava selado o acordo e iniciava-se oficialmente a missão que contaria inicialmente com 23 militares discriminados em contrato, como descreveu o Cel Bastos Filho:

> Sua composição será a seguinte: Um Oficial-General, Chefe da Missão. Um oficial ajudante de ordens do general Chefe da Missão. Ficará à sua disposição. Um oficial Chefe do Estado-Maior. Um oficial de Artilharia, técnico em Artilharia e fabricação de seu armamento. Um engenheiro especialista em explosivos. Um coronel, Subchefe da Missão e desempenhando, ao mesmo tempo, as funções de Comandante da Escola de Estado-Maior. Um oficial superior, Diretor de Estudos. Um oficial de cada uma das Armas de Infantaria, Artilharia e Cavalaria, instrutores. Para Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais: um oficial superior, Comandante da Escola. Um oficial de cada uma das Armas de Infantaria, Artilharia e Cavalaria, instrutores. Um oficial de Cavalaria, instrutor de equitação. Um oficial de Infantaria, instrutor de armamento. Um oficial de Engenharia e um oficial de Comunicações, instrutores comuns às Escolas de Estado-Maior e de Aperfeiçoamento. Um intendente militar, Diretor da Escola de Intendência. Um veterinário militar, Diretor da Escola de Veterinária. Um veterinário auxiliar, adjunto. Um mestre-ferrador." (BASTOS FILHO, 1994, p.72)

Advém do contrato alguns itens interessantes que demonstram a importância que foi dada aos militares franceses, tanto no que tange às graduações militares como em relação aos vencimentos. "Os oficiais usarão, no Brasil, o uniforme do Exército Francês. Ser-lhes-á concedido, no Exército Brasileiro, o posto superior àquele que possuem na França" (BASTOS FILHO,1994,p.73). Em relação aos vencimentos destaca-se o fato de que as indenizações anuais recebidas pelos militares franceses eram maiores que a dos militares brasileiros de mesmo posto.

POSTO	INDENIZAÇÃO
General, Chefe da Missão	65 contos
Coronel, Subchefe da Missão	45 contos
Tenente-Coronel	40 contos
Major	35 contos
Capitão	30 contos
Primeiro-tenente	25 contos
Segundo-tenente solteiro	10 contos
Segundo-tenente casado	12 contos

QUADRO 1 – Vencimento anual dos membros da Missão Militar Francesa.
Fonte: Contrato da Missão Militar Francesa, 1919

O contrato inicial previa a duração de quatro anos, "O general Chefe da Missão Militar Francesa e os oficiais que compõe a Missão passam à disposição do Governo Brasileiro por um período de quatro anos [...]" (BASTOS FILHO,1994,p.74), no entanto foi renovado seis vezes, sendo a última até 31 de dezembro de 1939, quando teve fim a MMF.

2.3 OS ESTABELECIMENTOS DE ENSINO MILITAR CRIADOS E A INFLUÊNCIA DA MISSÃO FRANCESA NA FORMA DE ENSINO DA ÉPOCA

Ao longo da história, as escolas militares sempre foram vistas como modelos de organização e disciplina, porém, durante o período que antecedeu à vinda da MMF essas instituições encontravam-se, de certa forma, desviadas de sua atividade fim – formar para a guerra – e mais voltadas às atividades acadêmicas.

> "Não temos tido sorte [...] com nosso ensino profissional, e lamentamos que este importantíssimo problema da mais palpitante atualidade se haja atrasado em relação ao da formação de nossas reservas [...]
> É necessário [...] pôr questão, aqui, nos devidos termos, partindo da consideração de que o nosso ensino profissional é um problema que não foi ainda resolvido e requerer [...] uma urgente e delicada atenção." (BASTOS FILHO,1994, p.48)

> "Em nosso Exército encontramos moços oficiais, distintíssimos nas letras, de espírito esclarecidíssimo, que da arte da guerra [...] têm estudos teóricos aprofundados mas que na prática naturalmente falham, pois saíram das nossas escolas de guerra onde, durante um tirocínio escolar de seis ou oito

> anos, se deram cinco tiros de canhão ou vinte de fuzil seria muito." (Anais da Câmara dos Deputados, 1918, vol.12, p.193)

Esse desvio da atividade fim foi, em grande parte, fruto das ideias positivistas que começaram a ser implantadas no Exército pela Reforma do Ensino idealizada por Benjamin Constant em 1890. Reforma esta que fruto da influência de Constant – nomeado em 1989 Ministro da Guerra e, logo em seguida, Ministro da Instrução Pública no governo provisório – difundiu-se rapidamente entre oficiais brasileiros, que aderiram à essa corrente filosófica passando a organizar as escolas militares e desenvolver a sua doutrina com fundamentos positivistas.

Através do ensino da matemática e da geometria analítica, os professores passaram a difundir nas escolas militares a ideia tecnicista de progresso científico, e a escola, que deveria preparar para a guerra, passou a direcionar-se para um estudo técnico. Baseado na ideia do soldado-cidadão, praticava-se um ensino extremamente teórico e técnico, o que tornava o militar um acadêmico.

> O positivismo, [...], é uma doutrina político-filosófica surgida no século XIX sob orientação de Auguste Comte, que valoriza as ciências e o avanço técnico-científico com objetivo de elevar o espírito do homem e, consequentemente, proporcionar o progresso da humanidade. Essa filosofia é compreendida, pelo referido teórico, como um conjunto de concepções que a interrelacionam com a política e a teologia, de tal forma que a república só pode ser entendida através do teológico, pela fé. (BELLITANI, 2010, p.62)

Ressentia-se de instruções de quadros, de manobras práticas e, especialmente, da estratégia, pois faltava ao Exército instrutores capacitados, o que o tornava uma força fraca e despreparada. Como bem define o Cel Bastos Filho: "[...] um exército sem instrutores torna-se uma Força Armada sem combatentes, que não é confiável, e sim, perigosa farsa com a nação desprotegida". (BASTOS FILHO, 1994, p.138)

Com a chegada dos franceses houve uma grande transformação. Passou-se a ser praticada uma instrução baseada na estratégia, na história militar, na tática, na geografia e na aeronáutica. Evoluiu-se de uma mentalidade técnica para uma mentalidade tática, baseada no estudo do caso concreto, no estudo dos chamados temas táticos e na aplicação constante do método. Dessa forma, construiu-se um raciocínio básico para a solução de problemas militares, o que permitia resolvê-los

através dos conhecidos, mas à época inovadores, fatores da decisão: missão, inimigo, terreno e meios.

A Missão Militar Francesa criou o hábito do estudo da história, voltada em especial para os assuntos militares, táticos e estratégicos. O fruto disso foi a criação de uma enorme bibliografia, até então inexistente no Exército, cumprindo-se, assim, o que se desejava da missão.

> Do exposto, ficou claro: desejava-se, da Missão, seus ofícios de modo a que fosse modificado o universo escolar do Exército, a ponto de seus alunos resultarem em autênticos profissionais militares, ou seja, eficientes instrutores e capacitados comandantes. (BASTOS FILHO, 1994, p.138)

Antes mesmo da chegada da MMF de instrução para o Exército, já havia no Brasil a presença da Missão Militar de Aviação, que foi a responsável pela criação da primeira escola militar de influência francesa – a Escola de Aviação no Campo dos Afonsos. Em seguida surgiu a Escola de Observadores, que visava compor as necessidades para a implantação da aviação nacional, sendo composta à época por três seções – Observação, Caça e Bombardeio.

> [...] a Escola de Aviação no Campo dos Afonsos, criação dos franceses, atingiu os objetivos que se podia desejar. Nela se formaram pilotos e mecânicos, desenvolveram-se especialidades e até funcionou um curso de aperfeiçoamento. A Escola foi o nascedouro da aviação militar como arma independente dentro do Exército, cuja fusão com sua congênere naval gerou a Força Aérea Brasileira. (BASTOS FILHO, 1994, p.141)

2.3.1 A Escola de Estado-Maior – EEM

A Escola de Estado-Maior já existia quando da chegada da MMF, porém só passou a vigorar com as reais funções e com a destinação que dela se esperava após a chegada da missão. Essa escola foi criada em 1905 e funcionou até 1910 com o objetivo de habilitar os oficiais que ocupavam até o posto de capitão para as funções de Estado-Maior.

A EEM foi reinaugurada em 1920 juntamente com o curso de Revisão e, sob a influência da MMF, passou a destinar-se à formação dos oficiais de Estado-Maior. Seus candidatos eram submetidos a um concurso de admissão com provas de história e geografia, e o ensino era ministrado com base nos fatores de decisão:

missão, inimigo, terreno e meios. Já o curso de Revisão, era dotado de um ensino voltado para a prática e resolução de casos concretos.

A EEM era vista com tamanha importância pelos franceses que em 1929 passou a ser condição para a ascensão ao posto de general de brigada.

> O decreto n. 16.393, 27.02.1924, estabelece que o Curso de Estado-Maior seria frequentado por capitães e tenentes das armas em que tivessem feito o serviço arregimentado. Esse curso se destina à formação de oficiais para o serviço de Estado-Maior e tem duração de três anos. Já o Curso de Revisão tem como objetivo rever os conhecimentos adquiridos pelos oficiais no Curso de Estado-Maior, para que possam exercer cargos de chefes de Estados Maiores. (BELLITANI, 2010, p.336)

Em 1940, a EEM passou a ocupar as suas atuais instalações na Praia Vermelha e em 1955 ocorreu a mudança de denominação para Escola de Comando e Estado-Maior do Exército (ECEME).

Até os dias de hoje, a ECEME conta com as influências recebidas durante presença da MMF, tais como: a necessidade de aprovação no concurso pra ingresso na escola; sua finalidade de preparação do chefe militar para a composição e assessoramento de Estado-Maior; e sua condição para a promoção ao posto de oficial general.

2.3.2 A Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais – EsAO

A Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais já era uma aspiração do Exército meses antes da chegada da MMF, sendo inaugurada em 08 de abril de 1920, inicialmente, no Quartel General do Exército e posteriormente transferida para a Vila Militar, no Rio de Janeiro. Instalações que ocupa até os dias atuais.

A Escola tinha como objetivo aperfeiçoar os concludentes da escola militar, tornando-os aptos para o comando de pequenas unidades e, principalmente, capacitando-os para a difusão, como instrutores, das mudanças doutrinárias e de ensino nas unidades militares de todo o Brasil.

Como ocorre em toda grande mudança, a escola inicialmente enfrentou a resistência dos oficiais, que, muitas vezes, apresentavam um baixo desempenho nas provas e não se dedicavam como era esperado, e, sendo assim, não tornavam-se os vetores de difusão do conhecimento.

> Em 1928, [...] não atinge o rendimento esperado, devido à falta de perseverança dos oficiais alunos, que faltam aulas e não acertam mais que 50% das provas, sendo considerados pelos instrutores como pesos mortos em relação a outra parte que se esforça [...] (BELLITANI, 2010, p.339)

Com vistas a reverter essa situação de falta de empenho, algumas medidas foram tomadas. Inicialmente, passou-se a realizar exames de habilitação durante o curso, nos quais a não aprovação levaria ao desligamento do oficial. Mas a medida que realmente mudou os rumos da escola foi a exigência, a partir de 1928, do Curso de Aperfeiçoamento para a promoção aos postos superiores ao de Capitão.

A Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais tem como missão, até os dias de hoje, o aperfeiçoamento dos capitães do Exército Brasileiro, habilitando-os a exercer funções de Estado Maior nas organizações militares, bem como o comando de subunidade e unidade. Permanece, ainda, como condição para a promoção ao posto de major e recebe, também, alunos de forças coirmãs, nações amigas e forças auxiliares.

FIGURA 6 – EsAO em 1924 e em 2004.
Fonte:EsAO. Disponível em: <http://www.esao.ensino.eb.br/paginas/esao/esao.htm>. Acesso em: 16 Maio 2016.

2.3.3 Outros estabelecimentos de ensino criados pela MMF

Em maio de 1921 foi inaugurada a Escola de Intendência e de Administração, essa que, certamente, viria afastar os fantasmas do insucesso de Canudos e que, futuramente, tornaria possível a formação dos oficiais de intendência na Academia Militar das Agulhas Negras. Os intendentes eram, inicialmente, selecionados no âmbito de capitães e tenentes das demais armas, enquanto que para o Curso de Administração exigia-se a aprovação em concurso.

Atualmente, os Intendentes são formados pela Academia Militar das Agulhas Negras enquanto que, mediante concurso, os já formados em administração, podem ingressar nas fileiras militares pela Escola de Formação Complementar do Exército (EsFCEx).

> Em 1921, é inaugurada a Escola de Intendência, tendo como responsável o Maj. Buchalet. Essa escola se divide em: curso de intendência, destinado a formar os quadros de intendência de guerra; e curso de administração, para formar os corpos de gestão, junto aos oficiais contabilistas. (BELLITANI, 2010, p.346)

A Escola de Veterinária do Exército já existia antes da chegada da MMF, como apresenta o Gen Malan: “Essa Escola, existente desde 1914, como sucessora do Curso de Veterinária, nascido em 1910 [...]” (MALAN,1994,p.104), sendo inaugurada em suas novas instalações em 1920. Nesse período, o Exército era o responsável pela formação dos médicos veterinários no Brasil.

> Esse curso tem duração de três anos; ao final, os alunos recebem o certificado de médicos veterinários, ou seja, é o exército quem forma os alunos em medicina veterinária. Para ingresso no curso, é necessário um bom desempenho nas provas de português, francês, aritmética, álgebra, geometria, história do Brasil, física, química e história natural. (BELLITANI, 2010, p.349)

Atualmente, aos moldes do que acontece com os administradores, os já graduados em medicina veterinária, mediante concurso, ingressam na vida militar pela EsFCEx.

Em 1923 surgiu a Escola do Serviço de Saúde que, em verdade, veio substituir a já existente, desde 1910, Escola de Aplicação Médica Militar, que ministrava conhecimentos básicos para a adequação de médicos, farmacêuticos, dentistas e veterinários à vida militar.

Com sua reformulação, passou a ministrar instruções complementares para médicos e farmacêuticos, que englobavam administração militar e serviço em campanha. Atualmente, recebe médicos, dentistas e farmacêuticos de ambos os sexos, sendo responsável pela formação dos mesmos para integrarem o Quadro do Serviço de Saúde do Exército.

Apesar de todo esse avanço na educação militar, uma questão ainda “incomodava” os franceses no início da década de 30, tratava-se da educação física.

Essa era difundida e praticada no âmbito do Exército, em especial na Escola Militar e na Escola de Sargentos, contudo carecia de um planejamento e acompanhamento adequado, bem como de materiais e instrutores capacitados. Assim caracteriza o Gen Malan: “[...] em todas as escolas, embora se encontre quase sempre um trabalho intenso e muita boa vontade, os meios práticos e a aplicação do método firme, normalmente fazem falta.” (MALAN, 1988, p.138)

Aos olhos dos franceses, a educação física era indispensável para o bom desempenho das atividades militares. Assim, em 1931 foi criado o Centro Militar de Educação Física, na Fortaleza de São João. Posteriormente, no Governo Vargas, passou a chamar-se Escola de Educação Física do Exército – EsEFEx, e atualmente encontra-se enquadrada no Centro de Capacitação Física do Exército – CCFEx.

Na escola são ministrados os cursos de capacitação para instrutores e monitores de educação física do Exército, bem como, em conjunto com o CCFEx, são realizados os treinamentos e a formação de equipes esportivas da força. O Centro é referência nacional e internacional na área de educação física.

Percebe-se que a educação física no Brasil praticamente surgiu como um legado dos franceses e expandiu-se, principalmente, durante o período do governo militar, quando passou a ser disciplina obrigatória no ensino superior por meio do decreto lei no 705/69[18].

Dessa forma, podemos dizer que a influência da MMF, à nível educacional, não foi restrita às escolas militares, expandindo-se, também, para a formação cultural e acadêmica brasileira, onde destaca-se a criação da Universidade de São Paulo – USP e de outras universidades.

> Além da USP, prevê-se a criação da Faculdade Municipal de Letras, em 1936, com dez professores franceses, e da Faculdade de Ciências, em 1937, igualmente com a corroboração dos profissionais da França. [...] a criação da USP significa o ponto alto do contato cultural entre a França e a América Latina [...]. (BELLITANI, 2010, p.170)

Por fim, destaca-se a intensidade das mudanças provocadas no ensino militar e acadêmico, passando-se a priorizar o caso concreto e a realização de exercícios

[18] Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/1965-1988/Del0705.htm>. Acesso em 08 Maio 2016.

táticos no âmbito militar, e a criação e propagação de uma sólida bibliografia tanto no meio acadêmico quanto nas forças armadas.

2.4 A DURAÇÃO DA MISSÃO MILITAR FRANCESA E O NÍVEL DE SUA INFLUÊNCIA NA REALIDADE ATUAL

A MMF estendeu-se durante quase vinte anos passando por diversas etapas. Inicialmente, pode-se destacar o período de 1919 a 1924, no qual observa-se a crise financeira de 1923. Teve um efetivo inicial de cerca de 20 militares que, gradativamente, foi aumentando chegando a cerca de 40. Ao final de 1923, o Exército Brasileiro já possuía em seu quadro de Estado-Maior militares formados pela Missão Militar Francesa.

Outro período que merece destaque é o que vai de 1925 a 1929, que, apesar dos fracos resultados obtidos no ano de 1925, teve como marco a intensificação das manobras realizadas a partir de exercícios práticos e a criação do Conselho Superior de Defesa Nacional, que começou a funcionar em 1928 e é hoje o atual Conselho de Segurança Nacional.

Em 1928, após a renovação do contrato da missão e o aumento das exigências brasileiras, iniciou-se uma nova fase que perdurou durante toda a década de 30, tendo como principal destaque a gradativa substituição dos militares franceses pelos chefes militares brasileiros já capacitados pela nova doutrina.

Assim, de forma a realizar uma análise clara e didática desse período, o estudo será dividido em três fases: a primeira engloba os anos de 1919 a 1924; a segunda segue até 1929, com o término da administração do Gen Gamelin; e a terceira abrange toda a década de trinta até o final da missão, em 1940.

2.4.1 A primeira fase – 1919 à 1924: chegada da missão e as primeiras mudanças implementadas

No início de 1920 começaram a chegar os primeiros integrantes da missão, que, em sua grande maioria, pisavam pela primeira vez em solo do continente americano. Criteriosamente selecionados pelo Gen Gamelin tinham, certamente, uma inegável capacidade profissional, diferindo apenas nos traços de personalidade.

> Chegados em duas levas pelos navios Asie e Marigny, em princípio de março de 1920, foram recebidos oficialmente de forma correta como não podia deixar de ser, vindo a sentir mais tarde certa reação dos oficiais nativos arredios e dos menos capazes, naturalmente pela dificuldade de assimilar novos conhecimentos. (MALAN, 1988, p.96)

O objetivo central da missão era, sem dúvida, o de modernizar o Exército Brasileiro e torná-lo conhecedor da doutrina militar mais recente e aplicada, com louvor, nos campos de batalha. Para isso, seria necessário uma quase completa reorganização da Força Terrestre bem como uma evolução na instrução. Mas do lado dos franceses, esperava-se mais. A França buscava não só divulgar sua cultura e doutrina, mas também visava a fidelização de parceiros comerciais para os quais pudesse vender seu material bélico excedente do pós guerra.

> Um dos principais objetivos do Exército, com a vinda da missão, é a reorganização das escolas de instrução, em especial, da Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais [...]. Apenas dar instrução e reorganizar escolas é tarefa demasiado restrita para um país como a França que deseja vender seu excedente de guerra [...]. (BELLITANI, 2010, p.251)

As mudanças começaram a passos largos, sendo inauguradas ou reinauguradas cinco escolas pela MMF nesse período: a Escola de Estado-Maior, a Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais, a Escola de Intendência e Administração, a Escola de Veterinária e a Escola de Aviação[19].

O impacto inicial da chegada da missão, em termos de instrução, foi negativo, pois os instrutores brasileiros, descrentes do material, doutrina e regulamentos, reduziram seus esforços, fazendo a qualidade da instrução despencar. Contudo, com a compra de materiais modernos e a crescente divulgação da nova doutrina passou-se a caminhar rumo ao objetivo de modernizar o Exército.

Um dos maiores legados da MMF surgiu nesse período. Os fatores da decisão: missão, inimigo, terreno e meios, surgiram como forma de tornar palpável o método de raciocínio implantado pela França. Começaram a despontar, também, as primeiras publicações militares, com destaque para a, já citada, Defesa Nacional, que trazia as experiências vividas nos exercícios realizados e a visão das mudanças

---

[19] Essa embora tenha sido criada pela Missão de Aviação, passou ao comando da Missão Militar Francesa quando da chegada do Gen Gamelin.

implementadas nas escolas e quartéis, servindo como importante meio de difusão da nova doutrina.

Nessa fase, foram realizadas as primeiras manobras de forma a tornar prático o que era ensinado em sala de aula, permitindo uma ampla demonstração e difusão do valor do método de raciocínio para a solução de problemas militares. Assim, percebe-se um salto evolutivo, tirando a instrução militar do padrão burocrático e passando a implementá-la em casos concretos.

> Sem dúvida, o que caracterizou esta primeira fase quanto à instrução, foi a transmissão objetiva, sistemática e consciente dos ensinamentos antes apresentados em sala e teóricos. Passamos a viver, em tática, o caso concreto, tão próximo da realidade quanto podiam montar aqueles que o tinham vivido. (MALAN, 1988, p.110)

Durante esse período, o Exército passou a trabalhar com a Argentina como provável hipótese de guerra intensificando as manobras no sul do país, o que tornou mais clara as deficiências em armamentos, carros de combate e materiais de costa. Isso levou a França a incentivar uma rápida compra de materiais para dotar as unidades do sul.

A missão parecia seguir seu rumo sem maiores obstáculos. Tendo vencido a resistência inicial e conquistando a confiança dos brasileiros, os militares franceses conseguiam cada vez mais implantar sua doutrina e seu plano de venda de materiais bélicos. Contudo, a revolução de 5 de julho de 1922 – Revolta dos 18 do Forte[20] – viria a abalar esse quadro de relativa tranquilidade.

A chegada de Arthur Bernardes ao poder, no final de 1922, colocou a missão em cheque, visto que o atual governo não demonstrava muito apreço pelo Exército, e a nomeação de Setembrino de Carvalho para ministro da Guerra tornou ainda mais penosa a missão dos franceses. Bellitani assim caracteriza o período:

> Em fins de 1922, chega ao poder Arthur Bernardes [...]. Ele pensa o Exército como uma força policial; coloca, como ministro da Guerra, Setembrino de Carvalho [...] que tenta diminuir a influência da MMF. (Bellitani, 2010, p.276).

[20] A Revolta dos 18 do Forte, também conhecida como Revolta do Forte de Copacabana foi iniciada em 5 de julho de 1922 e encerrada no dia seguinte, na cidade do Rio de Janeiro, então capital do Brasil. Foi a primeira revolta do movimento tenentista no contexto da República Nova brasileira.

O Gen Gamelin passou, então, a buscar a renovação do contrato, de forma que os avanços já ocorridos e as mudanças implementadas não se perdessem em meio à crise. Favorecido pela presença de oficiais já instruídos pela MMF junto ao EME, conseguiu, a despeito da intensa crise financeira nacional[21], a assinatura, em 28 de março, da renovação do contrato inicial. O contrato passou a valer até 08 de setembro de 1927.

2.4.2 A segunda fase – 1925 a 1929: a consolidação das mudanças e o auge da missão

Essa segunda fase é considerada por muitos autores como o período mais proveitoso de toda a missão. Contudo, seu começo ainda mostrava os reflexos da crise financeira, apresentando pouco êxito.

O ano de 1925 ficou, então, marcado pelo ainda baixo rendimento e aproveitamento escolar dos oficiais nas escolas recém inauguradas. Em parte isso se deu pela falta de meios e, por outro lado, em virtude da ausência de unidade de instrução nas escolas. No entanto, essas dificuldades foram vencidas e superadas com o decorrer dos anos dessa fase.

> A década dos anos 20, na sua intensa marcha, é o período da vida do Exército Brasileiro no qual ele mais se transformou. Motivados objetivamente pela Missão, a princípio os jovens Oficiais aperfeiçoados e os novos componentes do Quadro de Estado-Maior, os atualizados Oficiais de Serviços – Administração, Saúde e Veterinária – e sistematizados alguns setores básicos – educação física e comunicações, postos em destaque – e, logo depois os modernos Sargentos e Aspirantes de um novo Exército, todos foram se entrosando, se completando e compondo seus esforços numa nunca antes realizada transformação do EB. (MALAN, 1988, p.145)

Apesar do General Alfredo Souto Malan citar em sua obra a composição de esforços dos militares rumo à transformação, é importante destacar que nem todos estavam unidos e confiantes na importância da MMF.

Parte do sucesso obtido na década de 20 pode ser explicado pelo temor dos franceses de que a influência alemã crescesse de forma incontrolável pelo Brasil, o que levou a França a ampliar seus esforços de propaganda, disseminação cultural e empenho na missão.

---

[21] Em 1923 o Brasil possuía um déficit de cerca de 230.000 contos de réis.

> A MMF é importante, do ponto de vista francês, para combater a influência alemã e defender os interesses nacionais franceses, pois mesmo as casas comerciais e as indústrias alemãs, consideradas inimigas pelos aliados, tinham liberdade para registrar suas marcas no Brasil, na Junta de Comércio. (Documento, 11.05.1918. Paris: Arquivo MRE, dossiê 34,174-3 e 174-5; apud BELITANI, 2010, p.293)

Mas independentemente se foi fruto exclusivo do esforço dos militares brasileiros ou da rivalidade francesa com a Alemanha, o fato é que o período em questão traduziu-se como o ápice da missão, trazendo mudanças e evoluções deveras importantes para as escolas e para o Exército como um todo.

Na Escola de Estado-Maior, destaca-se a inserção de um estágio prático na aviação para os alunos do último ano, permitindo a difusão e o conhecimento dos potenciais da aviação no emprego militar.

A Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais manteve seu ritmo de crescimento, livrando-se pouco a pouco dos oficiais desestimulados das primeiras turmas e passando, inclusive, a contar com auxiliares de instrutores brasileiros. Assim destaca o Gen Malan: “Em 1926 já vemos registrados, na documentação, nomes de ‘auxiliares de instrutores’ brasileiros, como é o caso do 1° Ten Paulo Joaquim Lopes, em Topografia.” (MALAN, 1988, p.131)

A Escola de Aviação já estava consolidada, e passou a ser constantemente empregada em manobras militares de forma a iniciar e fortalecer seu entrosamento com as demais armas. Importante destacar que, a partir da renovação do contrato, a aviação passou a efetivamente integrar a MMF, deixando de ser uma missão a parte, o que certamente contribuiu para o seu maior entrosamento junto aos exercícios planejados pela MMF.

> Nesta fase foi necessário acrescentar um anexo ao contrato inicial, o de n° VIII, datado de março de 1926. Trata-se de um complemento ao anexo VII, anterior, no qual são assentadas as atribuições dos Oficiais e Sargentos da Aeronáutica, membros agora da Missão Militar Francesa de instrução [...] (MALAN, 1988, p.146)

É nessa segunda fase que, oficialmente, se tem a influência francesa na Escola Militar, apesar de já estarem sendo desenvolvidas manobras e exercícios com a aplicação doutrinaria ao caso concreto. Um oficial Francês foi nomeado para ser o Diretor de Ensino e outro para instruir e fiscalizar os monitores e instrutores de

Educação Física. A prática, porém, não se mostrou eficaz sendo desfeita na renovação do contrato de 1927.

> Não tivemos nenhum proveito com a ideia de pôr um oficial francês na EM para coordenar o ensino militar teórico e prático. Infelizmente ele não compreendeu o nosso objetivo; o Oficial brasileiro que o auxilia desempenha melhor as funções. (General Tasso Fragoso, Chefe do Estado Maior do Exército, apud MALAN, 1988, p.149)

O Serviço de Educação foi marcado, nesse período, por passar a contar com um oficial francês como encarregado da instrução e pela adoção de um novo Regulamento de Educação Física. Já a Escola de Intendência seguia a tendência das demais escolas, e passava a inserir seus alunos nas manobras com tropas.

Assim, percebe-se que essa segunda fase foi extremamente proveitosa e alavancou a evolução do Exército com a consolidação dos projetos implantados na primeira fase, dando continuidade às atividades de atualização, revisão e publicação de novos regulamentos.

Outro dado importante a saber é que, diferentemente do que ocorreu na primeira fase, em que o Gen Gamelin comandou a missão durante todo o período, sucederam-se no comando da missão dois Generais – Fréderic Mathieu Coffec e Claude Martin François Joseph Spire.

O contrato foi renovado em 03 de novembro de 1927 por mais quatro anos, mesmo ano em que foi criado o Conselho Superior da Defesa Nacional, o qual existe até os dias atuais com a denominação de Conselho de Segurança Nacional.

Em 1929, final do período estudado, uma ocorrência não relacionada a causas militares trouxe incerteza sobre a continuidade da missão, que estava no auge. A epidemia de febre amarela no Brasil dificultou o recrutamento de militares franceses, bem como levou à rescisão de alguns contratos, trazendo insegurança sobre a sua continuidade.

> No ano de 1929, ocorre nova epidemia de febre amarela no Brasil, colocando os militares da MMF em alerta. [...]. O médico francês integrante da MMF faz recomendações específicas aos militares que se destinam ao Rio de Janeiro, entre elas, a sugestão de que deixem a família na França [...] (BELITANI, 2010, p.302)

2.4.3 A década de 30: declínio e término da missão

A década de 30 foi marcada como um período político e econômico conturbado para o Brasil. No campo político, ocorreram a Revolução de 30, movimento que chegou ao poder liderado por Getúlio Vargas; e a Revolução Constitucionalista, em 1932, organizada pelo estado de São Paulo, que exigia a constitucionalização do novo regime. O movimento foi derrotado, mas a Assembleia Constituinte foi convocada em 1933, sendo promulgada uma nova Constituição em 1934. Três anos depois, em 1937, ocorreu o fim da chamada política do café-com-leite, tendo início o Estado Novo, o que deixou o país sem novas eleições até 1945.

Economicamente vivia-se o declínio da elite agrária rural e a ascensão da burguesia industrial. Com o crescimento do proletariado urbano, surgiam massas de desempregados que vagavam a espera de uma solução governamental cada vez mais distante em virtude da crise financeira que se instalava no país.

Esse quadro de instabilidade política, econômica e social trouxe severas consequências à MMF, apesar de essa permanecer neutra e apenas assistir aos acontecimentos, tornando incerto a renovação de seu contrato.

As escolas militares também passaram a sentir os reflexos do momento instável do país, em especial os decorrente dos oficiais anistiados e dos cursos cancelados ou suspensos.

> As escolas de maior significado para o trabalho da Missão, na sua busca de assentamento de uma Doutrina, foram particularmente afetadas em seu funcionamento pela Revolução de 30. Muitos eram os Oficiais anistiados pela revolução vencedora que não possuíam os requisitos de arregimentação, interstício e, especificamente, os cursos de aperfeiçoamento e mesmo de Estado-Maior, para serem considerados pela Comissão de Promoções. (MALAN, 1988, p.156)

Contudo a influência francesa já estava, de certa forma, arraigada no meio militar. Durante as Revoluções de 30 e 32, foram colocados em prática os ensinamentos franceses na condução das unidades militares e no desenrolar do comando, ressaltando-se ainda que a década de 20 havia vencido a desconfiança e gerado o apreço de militares brasileiros pelos franceses.

> A MMF conta, na década de 30, com uma aceitação bem mais favorável [...] Na opinião dos franceses, a resistência à permanência da MMF vem de parte dos reprovados ou mal classificados pelos instrutores franceses, que, por isso, passam a defender a retirada dos instrutores estrangeiros das escolas, alegando amor à pátria, nacionalismo, entre outros. (BELLITANI, 2010, p.451)

Assim, gozando de prestígio entre a maioria dos militares, vendo seus ensinamentos serem colocados em prática nas revoluções e cientes dos importantes resultados que haviam sido obtidos, interessava aos franceses renovar o contrato restando, apenas, adequá-lo às novas condições vividas pelo Brasil. Adequação esta que deu-se em três pontos: primeiro, na redução do período de duração – os contratos anteriores tinham prazo de 4 anos e passaram a ter 2 anos – o que demonstra, de certa forma, o início do declínio; segundo, a redução do efetivo, que permitiria uma economia às finanças nacionais; e o terceiro ponto foi o cancelamento da cláusula que dava à França a preferencia do governo brasileiro na aquisição de material bélico.

As mudanças foram aceitas por ambos os lados, e assim seguiram-se mais cinco renovações do contrato com pequenas variações entre um e dois anos de duração. As novas renovações foram marcadas pela redução do efetivo de militares franceses que, em grande parte, já estavam sendo substituídos por brasileiros, mas continuavam a manter a influência da missão até os últimos anos, ocupando cargos junto ao EME.

Período	Duração
1919 - 1923	4 anos
1923 - 1927	4 anos
1927 - 1931	4 anos
1932 - 1933	2 anos
1934	1 ano
1935 - 1937	2 anos
1938	1 ano
1939	1 ano
1940	Fim da missão

QUADRO 2 – Quadro geral dos contratos
Fonte: O Exército Brasileiro e a Missão Militar Francesa: instrução, doutrina, organização, modernidade e profissionalismo (1920 – 1940).

Nas principais escolas do Exército – Escola de Aperfeiçoamento, Estado-Maior e dos Serviços – pouco ou nada de relevante se pôde assinalar nessa década, até porque para muitas autoridades brasileiras a MMF já havia cumprido seu papel e, em termos de instrução, já havia sido substituída por brasileiros preparados pela própria missão.

> Em 1934 já tínhamos 14 anos de Missão, já eram muitos os Oficiais brasileiros de Estado-Maior por ela formados e, desde os fins de 1930, passamos a ter estagiários nossos na Escola Superior de Guerra francesa que, de acordo com o lembrado pelo Gen Góes foram, de volta, aproveitados para reforçar o corpo docente de nossa Escola de Estado-Maior [...]. (MALAN, 1988, p.171)

Com isso, o grande legado dessa década foi a reorganização do Exército com vistas a prepará-lo para a guerra. A MMF preparou e treinou um plano de defesa para o Brasil levando em consideração seu efetivo e sua condição armamentícia e mobilizadora, culminando com um exercício no terreno, combinado com a Marinha, em 1937, que coroou o trabalho de reorganização e preparo para a guerra.

> Em 1937, o trabalho da MMF concentra-se na EEM, na Escola das Armas e na Escola Militar. Sua ação pode ser sentida na organização das regiões militares e nos exercícios de quadros. Um exercício especial é organizado, sob a forma de instrução combinada com a Marinha. (BELLITANI, 2010, p.463)

Chegava ao fim um dos períodos de maior transformação da história do Exército Brasileiro, marcado pela evolução do ensino, consolidação de uma bibliografia, renovação do material bélico, junção da teoria à prática e, principalmente pela implantação de um método cartesiano de solução de problemas militares. Os franceses deixaram o Brasil em 1940 tendo cumprido sua missão.

> Os resultados mais visíveis da Missão Militar Francesa traduziram-se na constituição de um Estado-Maior efetivo, centralizador do comando nacional do Exército e encarregado de elaborar as grandes diretrizes a serem aplicadas à totalidade da instituição. Colocou-se em prática a ideia, então dominante, de que a finalidade principal do Exército era o preparo das forças nacionais para a guerra, e assim foi viabilizado o enquadramento do potencial militar. Ademais, a mobilização militar passou a ser encarada como uma mobilização nacional.
> Em setembro de 1940, quando a França, então ocupada pela Alemanha, assinou o armistício, os franceses tiveram de renunciar à missão. O contrato

> foi honrado até outubro daquele ano, quando a missão foi extinta, e seus membros repatriados[22]. (ARAÚJO, 2008, p. 07)

Muitos dos ensinamentos colhidos após a missão são praticados até os dias atuais, como os trabalhos em grupo, os exercícios práticos com manobras no terreno, a busca pelo caso concreto por intermédio de temas, os fatores de decisão, a preocupação de voltar-se para eventuais adversários e possíveis aliados e, sobretudo, o uso do método para solução de problemas militares.

[22]Disponívelem:<http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeirarepublica/MISS%C3%83O%MILITAR%20FRANCESA.pdf> Acesso em: 16 maio 2016.

3. METODOLOGIA

Esta seção visa demonstrar o percurso percorrido para a solução do problema da pesquisa, apresentando os procedimentos específicos e necessários para se atingir os objetivos, além de obter informações relevantes e proceder à análise das mesmas.

Contempla a escolha do espaço da pesquisa, a seleção do grupo a ser pesquisado, o estabelecimento de critérios de amostragem, a definição de instrumentos e procedimentos para análise dos dados.

Para um melhor encadeamento de ideias, esta seção foi dividida nos seguintes tópicos: Objeto Formal de Estudo, Amostra e Delineamento de Pesquisa.

3.1 OBJETO FORMAL DE ESTUDO

O estudo apresentado foi realizado com base em um processo científico, com procedimentos metodológicos. Dentro desse item apresenta-se a forma como buscou-se solucionar o problema elencado anteriormente, apresentando-se as estratégias, critérios e instrumentos utilizados.

O presente estudo foi dividido em duas partes: pesquisa bibliográfica e documental, e pesquisa de campo. Na primeira parte foi realizado o levantamento, seleção e organização da bibliografia, através de uma leitura crítica e elaboração de resumos e fichas, tendo como fontes acervos históricos da Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais, Escola de Comando e Estado-Maior, Academia Militar das Agulhas Negras e Biblioteca Nacional. O exame documental baseou-se na consulta a documentos históricos presentes nas já citadas escolas, documentos diplomáticos e militares da época, bem como arquivos pessoais de militares e publicações referentes ao assunto em pauta.

A pesquisa de campo foi feita através de aplicação de questionários em instrutores e ex-instrutores da Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais e da Escola de Comando e Estado-Maior, com vistas a verificar se ainda existem influências da doutrina trazida pela Missão Militar Francesa nas práticas de ensino militar dos dias atuais.

Assim, buscou-se identificar os benefícios dessa influência na conjuntura política, econômica e militar atual, levando-se em consideração a estrutura de nossas escolas e o formato de ensino praticado nos dias de hoje e tendo como delimitação temporal o início do aperfeiçoamento militar sobre influência francesa, 1920, e o seu desenrolar ao longo do século XXI.

3.2 POPULAÇÃO E AMOSTRA

A seleção da amostra para o questionário foi composta de militares com conhecimento e experiência para opinar sobre a influência da Missão Militar Francesa nas Escolas Militares. Fez-se necessário selecionar um grupo específico, que tivesse experiência como instruendo e como instrutor em pelo menos uma dessas duas escolas mais diretamente influenciadas pela missão em análise.

Assim, foi selecionada uma amostra de oficiais possuidores dos cursos da Escola de Aperfeiçoamento de Oficias e/ou da Escola de Comando e Estado-Maior e que tivessem, também, experiência como instrutores dos referidos estabelecimentos de ensino.

Para a inclusão do militar na referida amostra, era necessário cumprir os seguintes critérios:

- Ser voluntário para participar do trabalho;
- Possuir o Curso de Aperfeiçoamento de Oficiais (EsAO) e/ou o Curso de Comando e Estado-Maior (ECEME); e
- Ser instrutor ou ex-instrutor de um desses estabelecimentos de ensino.

A amostra limitou-se a esses militares por serem, estes, capazes de permitir realizar um paralelo entre o método de estudo aplicado durante a Missão Militar Francesa e os dias atuais, tendo em vista que os mesmo possuem a visão tanto de executores como de aplicadores.

Dessa forma, foram feitos contatos com as escolas selecionadas solicitando o envio das relações contendo o nome e contato dos instrutores e ex-instrutores.

3.3 DELINEAMENTO DA PESQUISA

Quanto à natureza, o presente estudo trata-se de uma pesquisa do tipo aplicada, que tem por objetivo gerar conhecimentos que ajudem a analisar um contexto histórico.

Caracteriza-se como um estudo essencialmente bibliográfico, tendo, para sua consecução, o uso do método de leitura exploratória, seletiva e crítica do material, seguido de uma revisão e um processo de resumo, fichamento e análise dos resultados dos estudos

Foi realizada uma pesquisa aplicada de cunho qualitativo exploratória por meio de uma ampla pesquisa bibliográfica seguida de um levantamento de dados através de coleta crítica, tratamento e inferência estatística dos dados obtidos com os integrantes da população objeto.

Além disso, o estudo teve como propósito trazer uma abordagem descritiva qualitativa, tendo como principal fonte de dados documentos históricos e obras de autores consagrados, relacionadas ao tema.

3.3.1 Procedimentos para Revisão de Literatura

A fim de se levantar as informações de interesse, definir termos e estruturar um modelo teórico para a análise, a revisão de literatura ocorreu da seguinte forma:

a. Fontes de busca

- livros e monografias da Biblioteca da Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais e da Biblioteca da Escola de Comando e Estado-Maior do Exército;
- documentos históricos de arquivos pessoais ou institucionais;
- artigos científicos publicados em revistas especializadas;
- sítios eletrônicos; e
- outras publicações que pudessem subsidiar as propostas de linhas de ação.

b. Estratégia de busca para as bases de dados eletrônicos

Foram realizadas buscas a respeito do assunto estudado utilizando-se a localização dos dados eletrônicos por meio de sites de busca na internet. Visando otimizar a busca, foram utilizados os seguintes termos descritores: "missão militar francesa", “Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais", “ensino militar no século XX”, “Escola de Comando e Estado-Maior” e “Escola de Aviação Militar”.

Finda a pesquisa eletrônica, foi feita uma criteriosa revisão bibliográfica desses documentos buscando-se encontrar outros artigos porventura não localizados.

c. Critérios de inclusão:

- estudos publicados em português, inglês, ou francês;
- estudos publicados de 1905 a 2015.
- artigos relativos ao tema.

d. Critérios de exclusão:

- estudos envolvendo influência de outros países;
- estudos envolvendo consequências não relacionadas à atividade militar.

3.3.2 Procedimentos metodológicos

O procedimento metodológico foi calcado no questionário misto – de perguntas abertas e fechadas, onde buscou-se levantar o nível de conhecimento sobre a Missão Militar Francesa e as influências na forma de ensino e solução dos problemas aplicados nas escolas militares atualmente. Os dados obtidos tiveram tratamento estatístico.

A amostragem escolhida para a realização do questionário privilegiou os militares que possuem o Curso de Aperfeiçoamento de Oficiais e/ou o Curso de Comando e Estado-Maior, e, dentre estes, aqueles que são ou foram instrutores dos

estabelecimentos de ensino sede dos cursos citados – EsAO e ECEME. Este critério de inclusão serviu como parâmetro para levantar a situação atual da influência da Missão Militar Francesa.

Para atingir os militares do universo de amostragem, estes questionários foram enviados no formato *Formulário Google Docs* para o correio eletrônico cadastrado no Departamento Geral de Pessoal (DGP). Ressalta-se que todos os participantes foram informados sobre os critérios de inclusão para a amostragem e a partir dessa premissa só foram aceitas respostas válidas.

As respostas foram lidas e validadas após análise, sendo enviadas perguntas adicionais para complementar aquelas em que restavam dúvidas.

3.3.3 Instrumentos

Este estudo utilizou como instrumento questionários aplicados em caráter voluntário na população já definida pela amostragem.

Anteriormente à aplicação na população definida foi realizado um pré-teste com oficiais instrutores do Centro de Instrução de Aviação do Exército, possuidores do curso da EsAO, de forma a garantir que o instrumento não contivesse falhas de elaboração.

O questionário foi elaborado com perguntas abertas e fechadas, considerando os períodos históricos envolvidos e a realidade atual. As perguntas fechadas tem como objetivo inicial estabelecer um padrão entre os contemplados no tocante ao seu conhecimento da história militar e, em especial, da criação dos estabelecimentos de ensino do Exército Brasileiro.

As perguntas abertas visam enriquecer o processo de pesquisa, buscando opiniões que permitam traçar um paralelo entre a realidade vivida pelo Exército Brasileiro no período da Missão Militar Francesa e o atual. Através de questionamentos que procuram identificar os legados deixados pela Missão Militar Francesa na forma de ensino do Exército busca-se avaliar o nível de sua influência na educação militar.

A expectativa era a de se obter, junto aos contemplados com os questionários, respostas que demonstrassem quais são as influências presentes

nas suas práticas e experiências profissionais como instrutores e como alunos desses estabelecimentos de ensino.

3.4 Análise dos Dados

O somatório da pesquisa bibliográfica com o resultado dos questionários aplicados proporcionou dados para a análise do nível de influência deixado pela Missão Militar Francesa em nosso Exército, em especial no que tange à esfera do oficial aperfeiçoado.

As perguntas fechadas foram tratadas de forma estatística, reunidas e tabuladas no programa *Microsoft Excel*. A apresentação dos resultados se deu mediante a utilização de tabelas e gráficos, facilitando a compreensão dos mesmos, e tendo como foco apresentar o nível de conhecimento acerca da missão bem como sua influência na realidade atual.

Com relação às perguntas abertas, a análise se deu visando buscar uma maior compreensão da influência, ainda existente, da missão estudada. O paralelo entre as impressões passadas com as respostas e a pesquisa bibliográfica permitiram aferir os resquícios ainda presentes da Missão Militar Francesa no aperfeiçoamento dos militares.

As conclusões finais foram apresentadas estabelecendo-se as relações entre o período estudado e o momento atual, constatando-se a real influência da Missão Militar Francesa na criação, no desenvolvimento e no vigente aperfeiçoamento do militar.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Esta seção tem como finalidade apresentar os resultados obtidos com as respostas aos questionários enviados aos instrutores e ex-instrutores da EsAO e/ou ECEME.

Esses resultados foram confrontados com a revisão de literatura, onde pretendeu-se solucionar o problema desta dissertação de mestrado, avaliando as influências deixadas pela Missão Francesa na EsAO, e concluir se estas ainda estão presentes no aperfeiçoamento dos oficias e se, de fato, o tornaram mais eficaz.

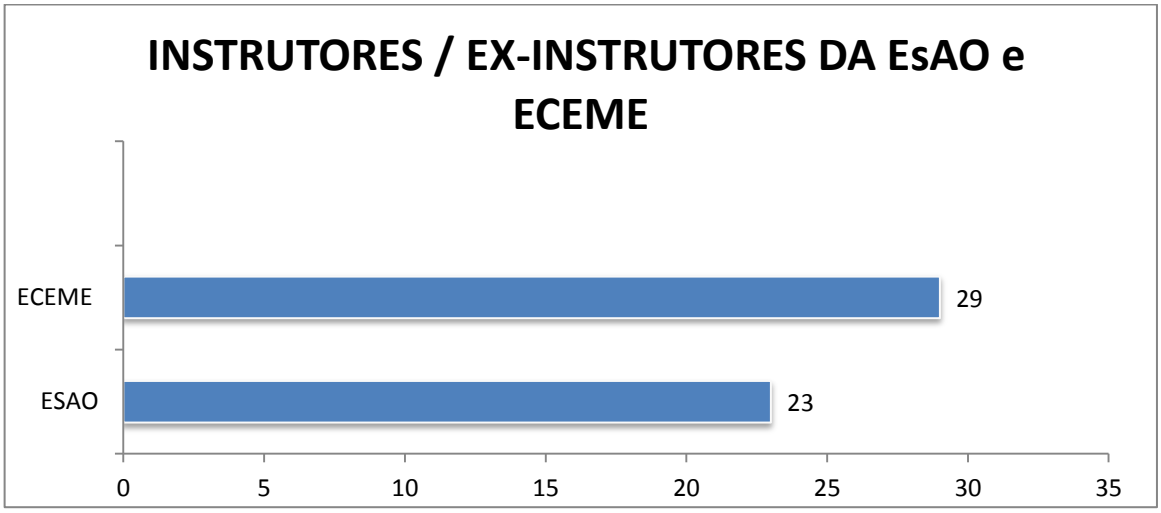

GRÁFICO 1 – Resultado do levantamento estatístico do Apêndice A.
Fonte: o autor.

Serão apresentadas as respostas recebidas aos questionários enviados, conforme a amostra exposta no item 3.2. Por se tratar de um universo muito específico, pois era necessário que o militar tivesse condições de traçar um paralelo entre o método de estudo aplicado durante a Missão Militar Francesa e os dias atuais, o quantitativo de militares enquadrados nesse perfil reduziu-se significativamente.

Foram enviados questionários para todos aqueles que poderiam atender aos critérios de inclusão delimitados. Desta maneira, o questionário misto do Apêndice A foi enviado para todos os instrutores e ex-instrutores que tinham o correio eletrônico cadastrado no DGP, ou que tiveram seus correios eletrônicos fornecidos pelos referidos estabelecimentos de ensino, totalizando 163 militares. Destes, 52

responderam, conforme apresentado no Gráfico 1.

Para separar os elementos que realmente fariam parte da amostra, foi elucidado na introdução do questionário que o mesmo se destinava exclusivamente a instrutores e ex-instrutores da EsAO e/ou ECEME. Dessa forma, consideramos que todos que responderam detinham conhecimento e experiência suficientes para contribuir com sua opinião.

As discussões foram conduzidas nos subtópicos a seguir, contemplando o objeto formal de estudo, onde ficam evidenciados o nível de conhecimento acerca da Missão Militar Francesa, bem como sua opinião sobre as influências dessa missão no aperfeiçoamento dos oficiais na atualidade.

Assim, foram colhidos subsídios suficientes para elaborar conclusões embasadas, permitindo atingir os objetivos deste trabalho.

4.1 CONHECIMENTO DE HISTÓRIA MILITAR E DA MISSÃO MILITAR FRANCESA

Este item apresenta os resultados sobre o nível de interesse e conhecimento de história militar, mais especificamente no que se refere à Missão Militar Francesa de Instrução, por parte dos oficiais instrutores e ex-instrutores da Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais e da Escola de Comando e Estado-Maior. Buscou-se levar em consideração a atuação como instruendo e instrutor do militar, validando sua opinião para a solução do problema apresentado nessa dissertação.

Os resultados dos questionários com relação a este indicador foram os seguintes:

GRÁFICO 2 – Resultados do item 1, do Apêndice A.
Fonte: o autor.

Com relação ao aspecto interesse por história militar, verificou-se que 74% dos oficiais instrutores e ex-instrutores da EsAO e/ou ECEME têm o costume de realizar leituras de artigos ou livros referentes à história militar. O Gráfico 2, mostra, portanto, que a maior parte dos entrevistados declarou possuir conhecimentos acerca dos ocorridos com nosso Exército em períodos passados.

É oportuno destacar que a maioria dos 26% que afirmaram não ter o costume de ler sobre história militar é formada por instrutores da EsAO, que no geral se encontram no posto de capitão. Isso nos leva a crer que o interesse pela história militar no Exército é despertado quando o militar está prestando o concurso para ECEME ou quando está cursando esta escola.

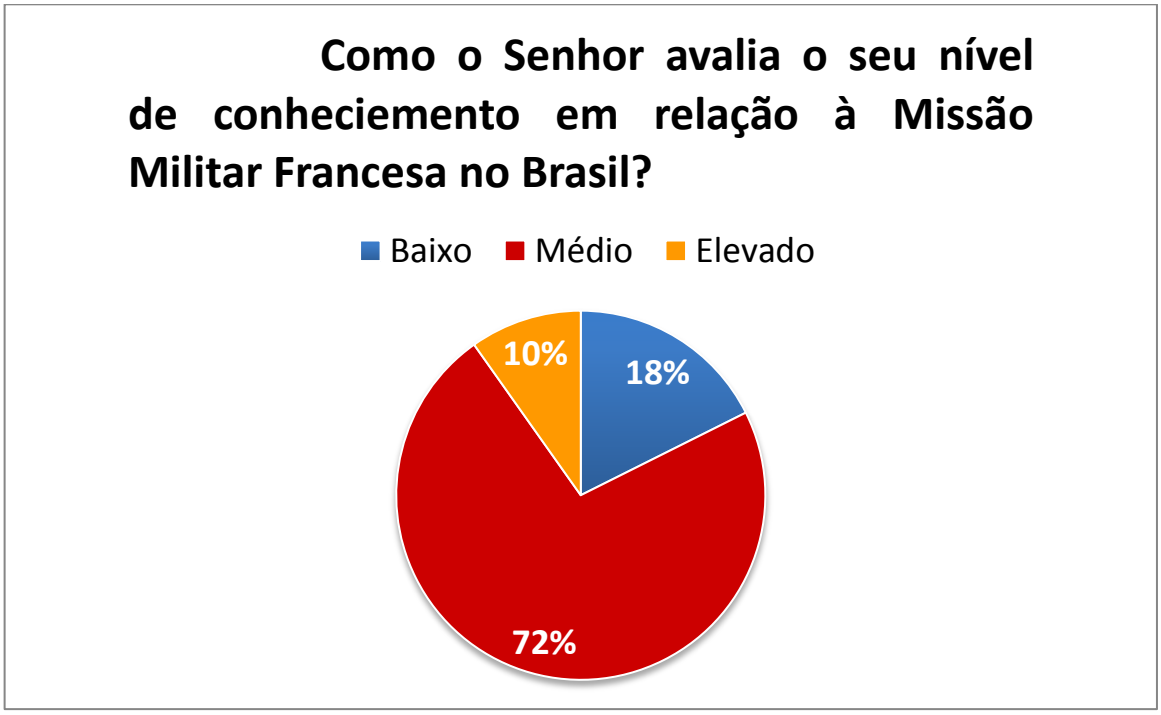

GRÁFICO 3 – Resultado do item 2, do Apêndice A.
Fonte: o autor.

Os selecionados realizaram uma auto avaliação sobre seu nível de conhecimento em relação à MMF, tendo 72% admitido possuir um nível médio e 10% expressado que detêm um nível elevado de conhecimento em relação a Missão Militar Francesa no Brasil, o que corrobora com o item anterior sobre interesse em história militar e valida suas opiniões para a solução do problema apresentado nesta dissertação.

Entre os 18% que afirmaram ter um baixo nível de conhecimento em relação à MMF, são, em sua maioria, instrutores da EsAO. Esse fato, além de ter uma relação direta com a falta de interesse por história militar, também evidencia uma deficiência em relação à apresentação e exploração do tema na própria EsAO, uma vez que os instrutores desse estabelecimento de ensino, que sofreu profunda influência quando da presença da MMF, deveriam ser fontes de propagação dos conhecimentos trazidos pelos franceses.

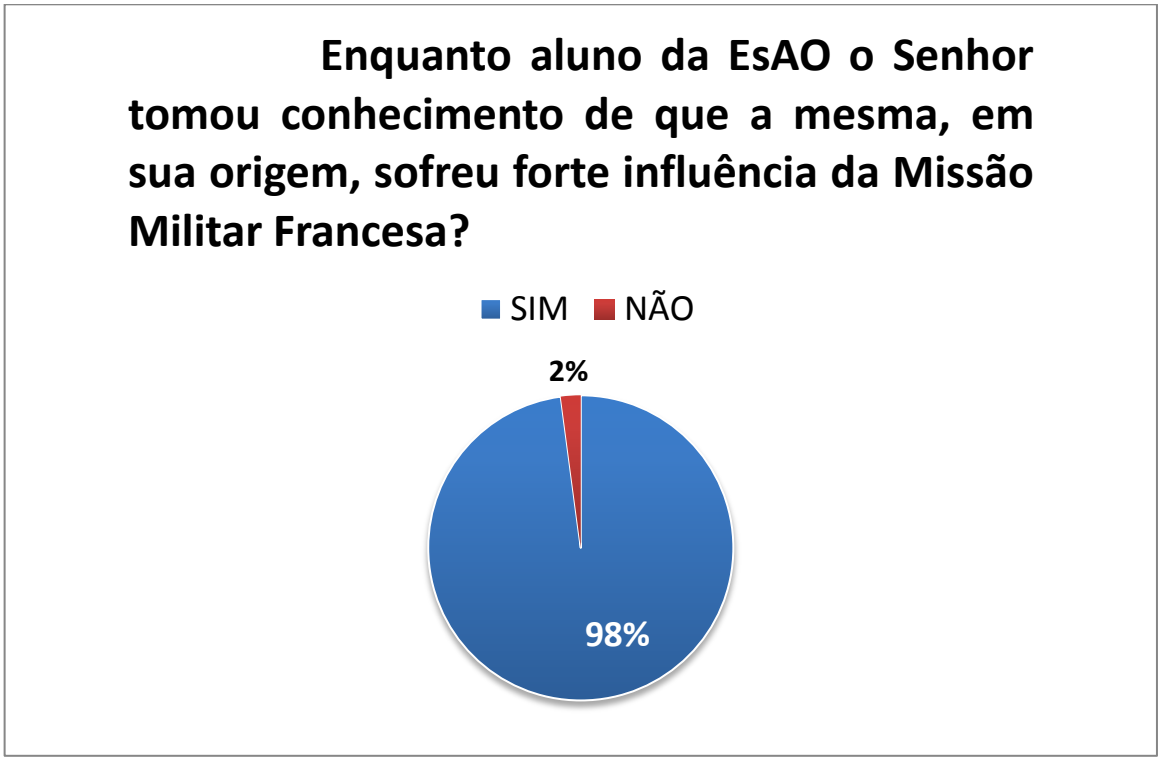

GRÁFICO 4 – Resultado do item 3, do Apêndice A.
Fonte: o autor.

Em contrapartida, verificou-se que a quase totalidade dos oficiais selecionados tomou conhecimento, enquanto aluno da EsAO, de que o aperfeiçoamento militar do Exército teve sua origem e fora por deveras influenciado pela Missão Militar Francesa de Instrução. Isso demonstra que, apesar de não ser profundamente explorado, o assunto ainda é abordado nos bancos escolares da Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais, mantendo a história viva e buscando despertar o interesse do militar.

Desta forma, o que fica evidenciado no aspecto interesse por história militar e conhecimento da Missão Militar Francesa é que, atualmente, a maioria dos militares tem interesse por história militar, buscando ler livros e artigos que permitam inferir ensinamentos históricos.

Especificamente em relação à Missão Militar Francesa, percebe-se que, até mesmo por sua tamanha importância, é de conhecimento de todos a sua existência porém, uma pequena parcela, 18% conforme gráfico 3, sabe apenas de sua existência, não se aprofundando em suas influências.

Interessante destacar que esse aspecto já denota uma grande diferença entre

os oficiais aperfeiçoados da atualidade e do período que antecedeu a missão. Se hoje possuímos a maioria de nossos oficiais buscando, através da leitura, aumentar seu nível cultural, naquela época o que se via eram militares com baixo nível cultural e, por consequência, desmotivados com atualizações. Como caracteriza o General Jonas de Morais Correia Neto : “[...] Ao marasmo em carcomidos quartéis, na rotina da vida de guarnição, acrescia-se o descaso para com a atualização cultural peculiar que os quadros requeriam – notadamente os oficiais, em todos os postos da hierarquia” (CORREIA NETO, apud BASTOS FILHO, 1994, prefácio).

Assim, podemos observar indícios de que a influência da MMF perdura arraigada nos oficiais aperfeiçoados, sendo os seus níveis explorados pelos indicadores seguintes.

4.2 O CONTEXTO HISTÓRICO DO EXÉRCITO BRASILEIRO À ÉPOCA DA CONTRATAÇÃO DA MISSÃO MILITAR FRANCESA E A SITUAÇÃO ATUAL

Este item visa apresentar os resultados e discutir sobre o contexto histórico vivido pelo Exército Brasileiro antes da MMF e o momento atual, levando-se em consideração aspectos relacionados aos equipamentos, soldos, forma de ensino, prestígio social e preparo dos oficiais.

Para analisar este indicador, foram usados dois questionamentos um aberto e um fechado. Os resultados obtidos foram os seguintes:

Considerando o contexto histórico em que se encontrava o Exército Brasileiro à época da contratação da Missão Militar Francesa, com equipamentos obsoletos, com oficiais despreparados para assumir cargos de Estado-Maior, baixos soldos, contando com baixo prestígio perante a sociedade, com um ensino extremamente técnico e carente de instruções de quadros, o senhor acredita que existe algum paralelo com a situação atual?

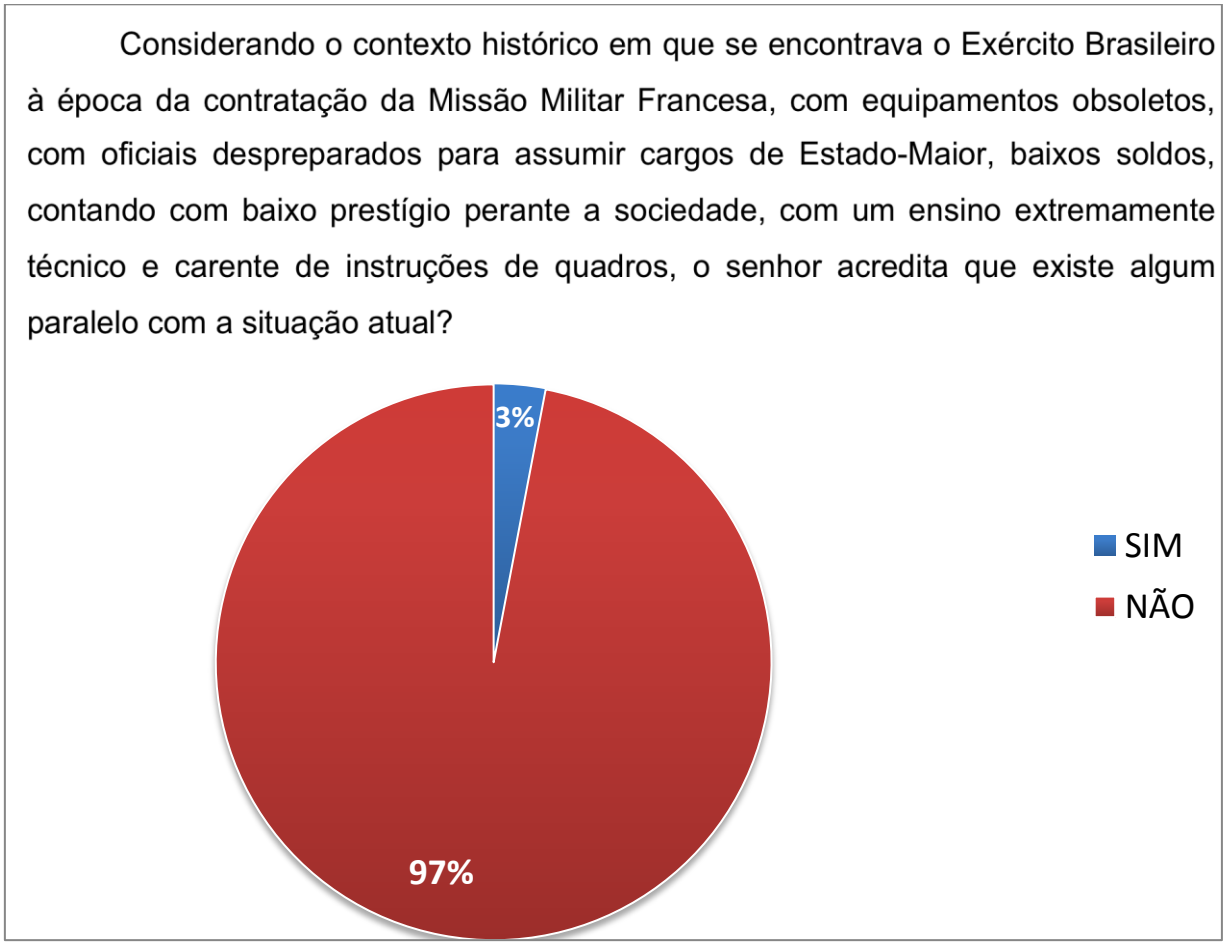

GRÁFICO 5 – Resultado do item 7, do Apêndice A.
Fonte: o autor.

Com relação à existência de um paralelo entre o contexto histórico vivido no período antecedente à Missão Militar Francesa e o atual, a quase totalidade dos selecionados, 97% conforme gráfico 5, responderam a questão de forma negativa. Isso demonstra que houve um desenvolvimento desde a chegada da missão até os dias atuais, considerando-se os aspectos questionados: preparo dos oficiais, baixos soldos, baixo prestígio social e deficiente instrução.

A pergunta aberta destinava-se apenas àqueles que corroborassem com a ideia de haver um paralelo entre os dois momentos. No entanto, além destes, dois oficiais que responderam não, optaram por deixar sua opinião, que foram validadas e contribuíram para demonstrar o desenvolvimento já citado.

Foi relatado que o contexto histórico é bem distinto do momento atual, considerando-se que o Exército como instituição e seus integrantes vivem momentos diferentes. O conhecimento geral e técnico profissional dos militares é

mais elevado, visto que naquela época os graduados frequentavam apenas as escolas regimentais para serem alfabetizados. Cenário bastante distante do que ocorre hoje, onde o jovem brasileiro que não tenha atingido o 7º ano do ensino fundamental sequer fará parte do processo de seleção para ser incorporado como recruta. Acrescenta-se ainda o fato de que o acesso ao conhecimento, nos dias de hoje, está ao alcance das mãos, o profissionalismo e prestígio da instituição junto à sociedade também é oposto ao apresentado naquela época e, segundo todas as pesquisas divulgadas nos últimos anos, é significativamente elevado.

Em relação aos soldos, que historicamente são baixos, justificam-se quando comparados aos vencimentos de determinadas graduações no mercado de trabalho brasileiro, tendo em vista a especialidade, o conhecimento e a experiência exigida. A defasagem em relação ao mercado se apresenta com o aumento do tempo de serviço e da experiência, particularmente a partir dos postos e graduações intermediários.

Os dados apontam para uma realidade completamente distinta da época anterior à missão, com a exceção do prestígio ante a sociedade que já se apresentava elevado, fato que se comprova nas palavras do General Alfredo Souto Malan: “O militar no Brasil sempre foi altamente considerado pelo mundo civil e tido como possuidor de elevado moral [...]” (MALAN, 1988, p.20). Os demais aspectos considerados não parecem mais preocupar ou impactar demasiadamente o Exército, o que de certa forma, comprova o sucesso da missão em alavancar o crescimento e desenvolvimento da Força Terrestre.

4.3 A INFLUÊNCIA DA MISSÃO MILITAR FRANCESA NO EXÉRCITO DA ATUALIDADE

Este tópico tem por finalidade apresentar os resultados e discutir sobre a influência da MMF no cotidiano do Exército Brasileiro, destacando a sua influência doutrinária, o uso dos chamados fatores de decisão e do método para solução de questões, de forma a avaliar se sua aplicabilidade, hoje, ainda é benéfica e eficaz.

4.3.1 Ênfase nas manobras estáticas e defensivas

O resultado do questionamento com relação a este indicador foi o seguinte:

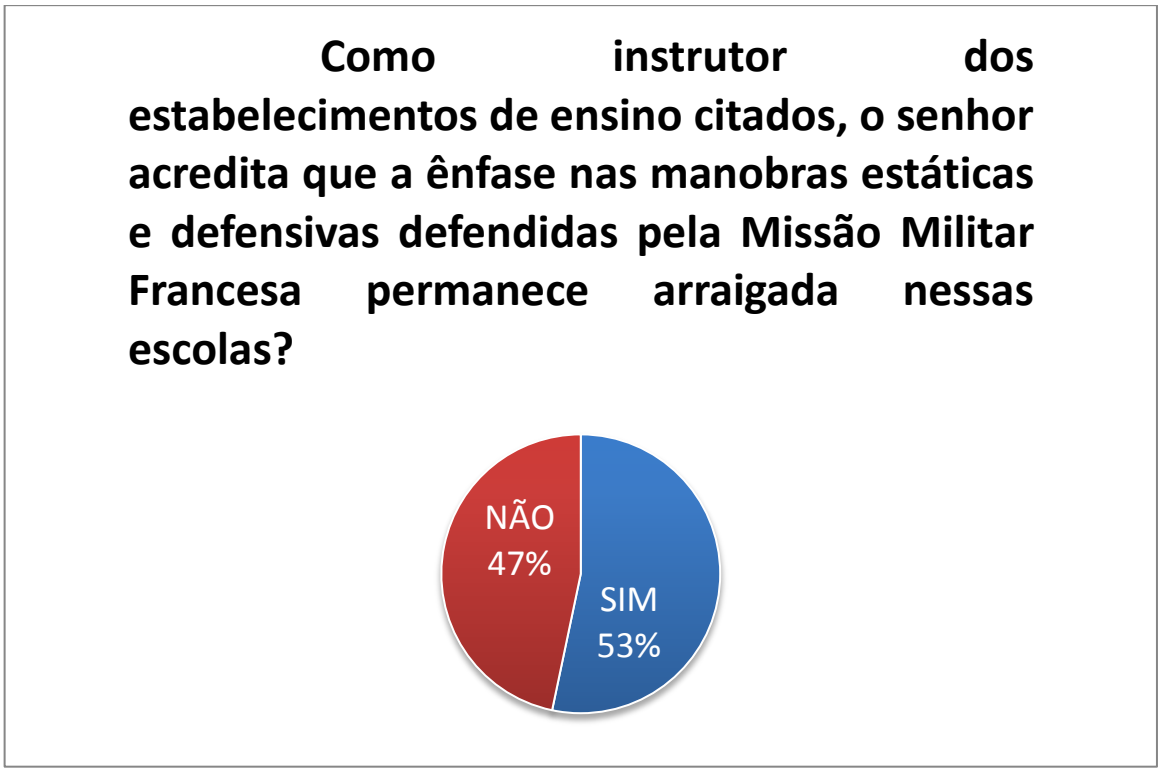

GRÁFICO 6 – Resultado do item 4, do Apêndice A.
Fonte: o autor.

A pergunta do item 4 do Apêndice A revelou que a maior parte dos instrutores e ex-instrutores concordam que as escolas permanecem enfatizando manobras estáticas e defensivas, doutrina que herdamos dos francesas durante a MMF, pois a França desde a Primeira Guerra Mundial defendia veementemente a estratégia defensiva. Como cita Bellitani:

> "... a doutrina de guerra francesa, no período entre guerras, fundamenta-se na ação defensiva, devido aos próprios propósitos da Primeira Guerra Mundial. É a estratégia defensiva que embasa toda doutrina de guerra e militar da França, nesse período." (BELLITANI,2010,p.127).

No entanto, cabe ressaltar que a diferença percentual entre aqueles que concordam que a doutrina reinante nas escolas é a defensiva e os que acreditam no contrário é de apenas 6%.

Esse fato nos levou a pensar sobre o que poderia ter gerado essa pequena diferença e quase empate nas opiniões. Uma explicação plausível, seria a segunda grande transformação sofrida pelo Exército Brasileiro que, ao final da Segunda Guerra Mundial, aproximou-se dos EUA, o qual pregava uma doutrina ofensiva, e passou a sofrer influência dos norte-americanos.

> "Não resta dúvida de que a elite militar e também os graduados sofrem a influência das ideias e obras militares francesas, no que concerne à guerra, à estratégia, à tática e aos manuais militares. Mas, em contrapartida, essa influência, no final dos anos 30, vai se dissipando e dando lugar à crescente esfera de domínio norte-americano, tanto em termos técnicos, quanto no aspecto doutrinário [...]. (BELLITANI,2010,p.188)."

Desta forma, torna-se imperativo a análise e estudo de outros aspectos para que possamos afirmar com clareza sobre a real influência da doutrina francesa em nossas escolas de formação considerando a realidade atual.

4.3.2 O uso do método para solução de questões militares

O resultado do questionamento com relação a este indicador foi o seguinte:

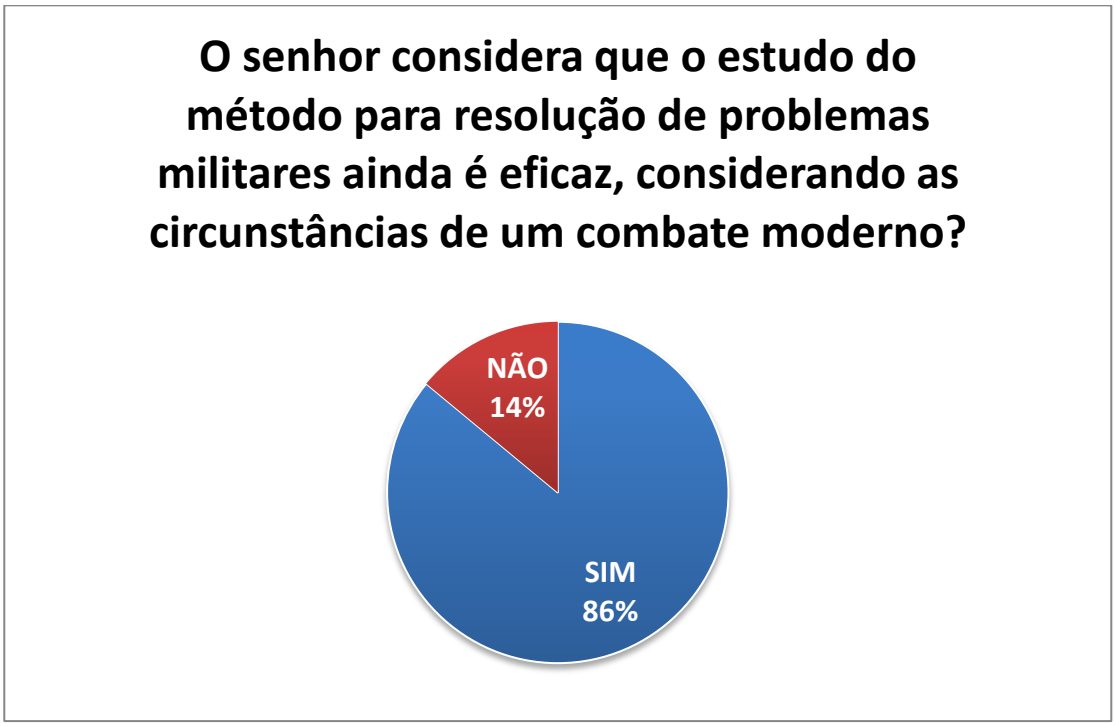

GRÁFICO 7 – Resultado do item 5, do Apêndice A.
Fonte: o autor.

O Gráfico 07 demonstra que a maioria dos selecionados, 86%, considera o estudo e aplicação do método cartesiano para a solução de problemas militares como eficaz. Mesmo no que tange o combate moderno, dotado de tecnologia e velocidade não existentes na época em que o método foi implementado.

O método cartesiano é, sem dúvida, um dos maiores legados da MMF. Criado pelo francês René Descartes, consiste no chamado Ceticismo Metodológico, ou seja só será verdadeiro aquilo que possa ser provado. Na sua concepção original divide-se em quatro princípios: dúvida, análise, síntese e enumeração.

Sua adequação para o uso militar consistiu em usar o método para ordenar os problemas e através de conhecimentos teóricos identificar possíveis soluções práticas, causando assim uma revolução no ensino militar do Exército Brasileiro. O método cartesiano foi empregado pela MMF concomitante com os chamados fatores de decisão - missão, inimigo, terreno e meios - dando ao militar brasileiro uma forma encadeada e prática de solucionar problemas militares.

Dessa forma, a comprovação de que o método cartesiano continua sendo estudado e aplicado nas escolas do Exército Brasileiro mostra a forte influência exercida pela Missão Militar Francesa, bem como de sua presença marcante até os dias de hoje.

4.3.3 A adequabilidade e eficácia dos fatores da decisão – missão, inimigo, terreno e meios

Esse aspecto foi questionado no sentido de observar se houve alguma evolução em sua aplicação, e se o mesmo continua sendo a base teórica para aplicação do método cartesiano.

Em virtude da necessidade de se avaliar as opiniões acerca do tema o item foi apresentado como um questionamento aberto e trouxe opiniões alinhadas, demonstrando sua eficácia e aplicabilidade.

Com base na análise da respostas apresentadas ao item 06 do anexo A chega-se às seguintes conclusões :

- os fatores da decisão ainda são eficazes e adequados devendo, no entanto, serem acrescidos de outros, tais como as considerações civis e o tempo;
- levando-se em consideração que todo método passa por aperfeiçoamento ao

longo dos anos, os fatores da decisão ainda são uma base sólida para a aplicação do método cartesiano, devendo, no entanto, serem analisados e aplicados dentro do contexto atual a fim de manterem sua eficácia;

- as modificações ocorridas ao longo dos anos se deram em relação aos meios e formas de combate. No entanto, os fatores de decisão são eficientes para gerar um raciocínio encadeado para a solução de questões não só militares, mas de qualquer área;
- a doutrina militar vigente no Exército Brasileiro prevê o uso dos fatores de decisão em aspectos como estruturação do EM, constituição do elemento de apoio de fogo, montagem de linha de ação e tomada de decisão, dentre outros.

Dessa maneira, percebe-se que os fatores de decisão e o uso do método não são apenas eficazes, mas tornam-se condição *sine qua non* para o desenvolvimento da consciência situacional durante o estudo de situação. Esse fator permite a formulação de linhas de ação coerentes e exequíveis, fundamentais para processo de tomada de decisão.

4.3.4 A influência da Doutrina Militar Francesa no aperfeiçoamento

Chegando ao clímax da presente pesquisa, buscou-se solucionar o problema apresentado na esperança de que os demais questionamentos corroborassem para a indicação de forte presença da influência da MMF no aperfeiçoamento militar da atualidade – como de fato ocorreu.

Porém, ainda restava saber se a Doutrina Militar Francesa persistia influenciando o pensamento militar do oficial aperfeiçoado, ou se era perdida após a saída deste dos bancos escolares e no embate com a realidade. Também desejava-se verificar, ainda, se a mesma traria benefícios para o desenvolvimento das atividades militares.

Para isso, optamos por um encadeamento de duas questões visando inicialmente quantificar o nível de influência e, posteriormente, dentre aqueles que a identificassem, observar se essa ainda é vista como benéfica.

Os resultados obtidos para o primeiro questionamento foram:

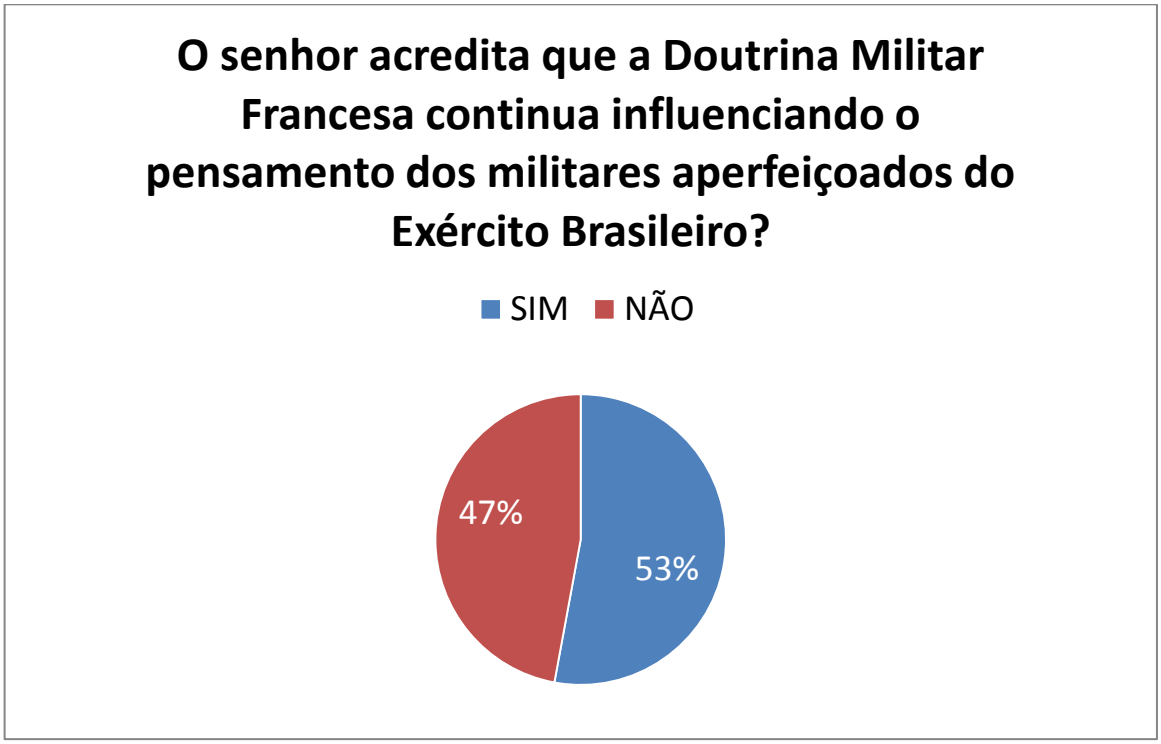

GRÁFICO 8 – Resultado do item 9, do Apêndice A.
Fonte: o autor.

Os resultados demonstram que a maioria dos selecionados, 53% conforme gráfico 8, acreditam que a Doutrina Militar Francesa ainda influencia o pensamento do militar aperfeiçoado do Exército Brasileiro.

Importante ressaltar que o militar aperfeiçoado integra o EM das Organizações Militares e está apto ao Comando de Unidade. Conforme se infere na missão da EsAO: "A Missão da EsAO é aperfeiçoar capitães do Exército Brasileiro e habilitá-los a exercer funções de Estado-Maior nas Organizações Militares e ao Comando de Unidade."[23]

Dessa forma, pode-se dizer que, ao influenciar o pensamento do militar aperfeiçoado, a Doutrina Militar Francesa influencia o pensamento militar do Exército Brasileiro, pois está presente em seus centros tomadores de decisão – Estado-Maior.

No entanto, dada a não expressiva diferença entre os percentuais indicativos daqueles que acreditam na permanência da influência da Doutrina Militar

[23] Disponível em:< http://www.esao.ensino.eb.br/paginas/esao/esao.htm> Acesso em: 05 setembro 2016.

Francesa no pensamento do militar aperfeiçoado e os que responderam negativamente, indicando acreditarem que essa influência, se existente, não se faz tão marcante, fez se necessária uma análise do que poderia estar gerando esse quase empate nas opiniões e qual seria a influência considerada se não a francesa.

Relacionando este item com o apresentado no item 4.3.1, chega-se a uma aceitável conclusão de que essa pequena diferença deve-se à influência deixada pela doutrina americana ao final da Segunda Guerra Mundial, ocorrendo, especialmente, devido à participação brasileira ao lado dos Estados Unidos no conflito.

Essa influência fez-se presente, mais marcantemente, na ECEME, onde passou-se, a partir de 1940, a dar-se certa importância e ênfase ao trabalho de EM e à liderança, fatores pregados pela doutrina americana. Entretanto não se trata de uma substituição da influência francesa, mas sim de um aperfeiçoamento de seus conceitos, como bem destacou o Major Júlio Teodorico Nascimento Netto em seu artigo intitulado: “A Influência da Doutrina Norte-Americana na ECEME”.

> “Em 1940, ao se encerrar as atividades da Missão Militar Francesa, o Exército tinha seus quadros preparados para assimilar a Doutrina Militar Norte-americana, em consequência da participação do Brasil no conflito, ao lado dos Estados Unidos.
> O método para o problema tático, segundo a sistemática implantada pela MMF, resumia-se no comandante analisar os quatro fatores da decisão (missão, inimigo, terreno e meios) e decidir sem atentar para o assessoramento do seu estado-maior [...].
> Com a chegada do então Coronel Castello Branco, após a 2ª GM, os exames de situação passaram a ser realizados pelos membros do estado-maior, de acordo com as suas respectivas funções, cresceu a participação do EM. O comandante fazia o grupo pensar por ele, com funções bem definidas. Os resultados desses exames eram levados ao Cmt, para que tomasse uma decisão.” (NETTO,2005,p.8)

Assim, percebe-se que, a despeito de ter sofrido evoluções e adaptações, a Doutrina Militar pregada pela Missão Militar Francesa mostra-se presente até mesmo como alicerce para novas transformações, como a relativa a incorporação de conceitos da doutrina americana.

Cabe destacar que, como bem disse o Gen Div Waldir de Santos Lima, as doutrinas militares estrangeiras devem ser usadas como base teórica e a partir

daí sofrerem as necessárias evoluções e adequações a nossa realidade, como tem sido feito com a doutrina francesa. “As doutrinas alienígenas devem ser estudadas com carinho mas é injusto que sejam aviltadas por meio de adaptações espúrias. Elas devem ser encaradas como se fossem uma teoria, nada mais.” (SANTOS LIMA, 1962, p.382)

Resta, ainda, analisar se essa influência é vista como benéfica ou não. Tendo esta finalidade, o item 10 do Apêndice A apresentou os seguintes resultados:

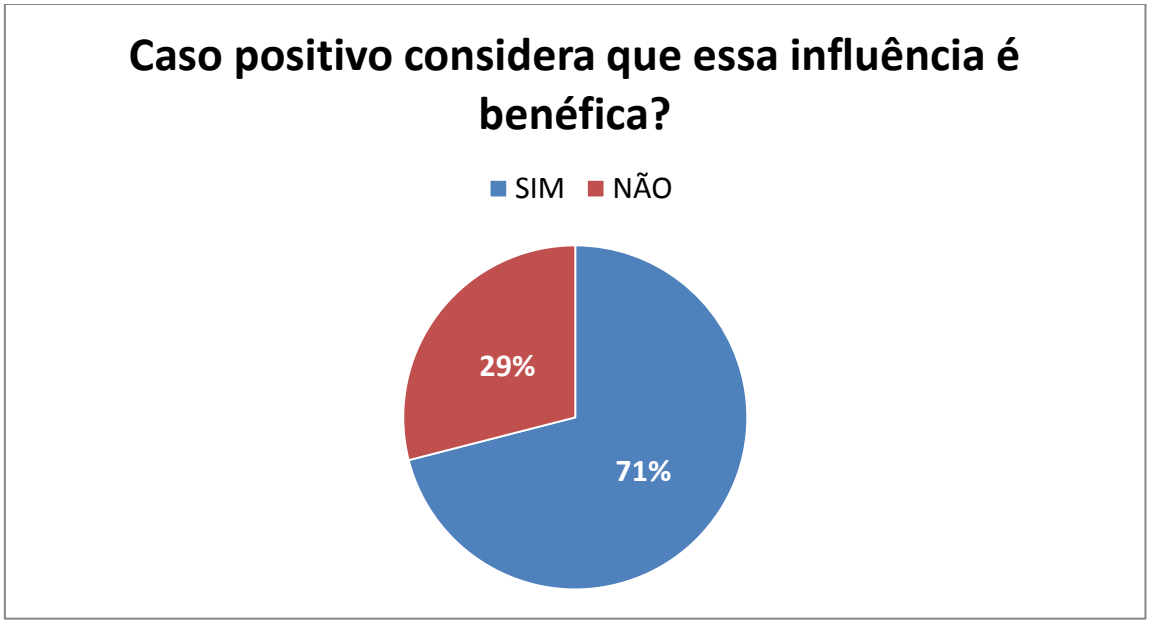

GRÁFICO 9 – Resultado do item 10, do Apêndice A.
Fonte: o autor.

O gráfico 9 ratifica o que os demais questionamentos apresentados demonstraram, mostrando, com expressiva margem de 71%, que a influência da Doutrina Militar Francesa, fruto da MMF, ainda encontra-se presente no Exército e é benéfica ao pensamento do militar aperfeiçoado.

Como forma de enriquecer a pesquisa, e envolto pela curiosidade que é peculiar ao pesquisador, buscou-se elucidar o porque de 29% dos selecionados acreditarem que a Doutrina Francesa, apesar de presente, não é benéfica. Essa curiosidade pode ser satisfeita ao observarmos as respostas dadas às considerações finais, um questionamento aberto que permitia aos selecionados acrescentarem livremente opiniões acerca do assunto.

Os resultados obtidos com o item 11 do apêndice A levaram a concluir que

aqueles que consideram não ser benéfica essa influência o fazem por considerarem extremamente relevante a questão defensiva proposta pela Doutrina Militar Francesa, em contraposição à velocidade e ofensividade do combate moderno.

No entanto, essa posição não condiz com a ideia, já apresentada, de que a doutrina estrangeira deve servir apenas como um alicerce teórico, devendo ser adequada à realidade vivida. Tal ponto de vista foi considerado na maioria das respostas ao item que, em resumo, afirmam que a doutrina sofreu evolução, principalmente com a adoção da doutrina norte-americana após a Segunda Guerra Mundial, entretanto, valores e métodos implementados pelos franceses ainda estão presentes e são fundamentais para o desenvolvimento do pensamento militar.

5 CONCLUSÃO

Ao longo de todo o trabalho, teve-se por objetivo esclarecer se a Missão Militar Francesa ainda exerce influência no processo de aperfeiçoamento dos militares brasileiros.

Com essa finalidade, este estudo não teve a intenção de esgotar todos os aspectos relativos à presença da MMF junto ao Exército Brasileiro, mas sim, com base em um raciocínio lógico, iniciado na revisão de literatura, traçar, de maneira mas verídica possível, o ocorrido durante os cerca de vinte anos de duração da missão para, a partir desse ponto, realizar um estudo sobre o atual nível da sua influência no aperfeiçoamento militar. Com base nas conclusões obtidas percebe-se que a metodologia empregada foi adequada e eficaz e desenvolveu-se como apresentado a seguir.

Estudando os antecedentes da MMF, foi possível constatar que esta foi contratada pelo governo brasileiro por duas razões: primeiro, porque nossas autoridades políticas, direcionadas pelo então Ministro da Guerra – Pandiá Calógeras – perceberam a necessidade de melhorar a eficiência do Exército, de forma a torná-lo uma força capaz de cumprir seu papel constitucional. E, em um segundo plano, já convictos da necessidade da missão, restava resolver o intenso embate sobre sua grandeza e liderança, decisão esta que teve como fator preponderante a efetiva participação da França junto aos vitoriosos aliados, levando, pois, à vitória o grupo que defendia a grande missão capitaneada pelos franceses.

Como forma de avaliar com clareza os resultados obtidos fez-se necessário caracterizar o estágio de evolução em que se encontrava o Exército Brasileiro imediatamente antes da chegada da MMF. Em breves palavras, o que se inferiu desse estudo foi que o Exército estava em estado de incapacidade operacional, com carências de efetivo, armamento e, principalmente, de preparo intelectual do militar. Assim, havia um exército constituído no papel mas não na prática, como bem definiu Castro e Silva: “O Ministro Calógeras encontrou, na realidade, um Exército deficiente em relação àquele que, no papel, nossas leis militares compunham [...]” (CASTRO E SILVA, apud MALAN, 1988, p. 36)

Inegável dizer que a presença junto aos vitoriosos da Primeira Guerra Mundial

tornou a França uma referência militar mundial e influenciou, sobremaneira, a decisão por sua contratação. No entanto, a revisão de bibliografia mostrou que diversos outros fatores pesaram a favor dos franceses, tornando-se importantes nessa pesquisa para avaliar a presença da influência francesa nos dias de hoje.

Dentre eles, destacam-se as afinidades culturais e linguísticas que acabaram por não só influenciar a reformulação do Exército bem como causaram uma mudança cultural e educacional nacional, o que se exemplifica com a criação da Universidade de São Paulo. “[...] a criação da Universidade de São Paulo, em 1934, foi o acontecimento mais importante na história da ciência e da educação no Brasil.” (SCHWARTZMAN, 2001, p.170)

Com relação à instrução militar, pode-se dizer que com a chegada dos franceses essa passou por uma das maiores transformações da sua história. Transformou-se de uma doutrina positivista, na qual praticava-se um ensino extremamente teórico e técnico, para uma instrução baseada na estratégia, com mentalidade tática, uso de casos concretos e estudo de temas táticos, além da implantação do inquestionável método cartesiano para a solução de problemas militares.

Foram introduzidas mudanças de viés ideológico e doutrinário. O militar passou a ser incentivado a criar o hábito de estudar a história, com foco em especial nos assuntos táticos e estratégicos, e a criar sua própria bibliografia, inicialmente com forte identidade francesa, mas rapidamente evoluindo para uma caracterização mais nacionalista. Diversas escolas foram criadas, dentre as quais se destaca a EsAO que além de desempenhar papel fundamental no aperfeiçoamento dos oficiais passou a ser pré-requisito para ascensão hierárquica na carreira.

O trabalho da Missão Militar Francesa durou quase vinte anos e, entre renovações e pequenas mudanças de foco, destacou-se essencialmente por reorganizar o sistema de ensino militar do Exército Brasileiro, dinamizar e modernizar a administração militar e incentivar a produção de material bélico nas industrias nacionais.

Além disso, a missão contribuiu para elaboração de uma doutrina e bibliografia próprias, para implantação de trabalhos em grupo, para a prática de exercícios e manobras no terreno por meio dos temas táticos e para a aplicação dos

fatores da decisão. Outra herança importante deixada pelos franceses foi a preocupação em direcionar a preparação tática para eventuais adversários e, principalmente, a aplicação do método para solução de questões.

Grande parte dessas transformações podem ser sentidas nos dias atuais, nas decisões embasadas pelo estudo de situação do Estado-Maior, na preparação e no ensino praticado na ECEME e, especialmente, na EsAO, onde o aperfeiçoamento é fundamentado em trabalhos em grupo, desenvolvimento de temas táticos e pratica nos chamados exercícios no terreno. Esses exercícios são baseados em eventuais adversários, e as manobras são desenvolvidas e estudadas com a aplicação dos fatores da decisão e do método de solução de questões.

Dessa forma, percebe-se que, como comprovado pelos resultados do questionário aplicado e pela revisão bibliográfica, que se mostraram suficientes e adequados, a MMF permitiu o desenvolvimento do espírito militar no Exército Brasileiro transformando os oficiais aperfeiçoados, de forma a se tornarem aptos para a solução de problemas militares de qualquer ordem. A presença de sua influência ainda é vultosa no dia a dia da EsAO bem como na ECEME, visto que, a despeito das necessárias modificações doutrinárias, em função das constantes mudanças no teatro de operações mundial, a metodologia empregada, a busca pelo estudo da história e a aplicação da teoria junto à prática ainda são a essência do sistema educacional militar.

Conclui-se, pois, que o problema apresentado pelo presente estudo foi solucionado, ao se demonstrar que as mudanças esperadas com a contratação da referida missão de fato ocorreram tornando o aperfeiçoamento mais eficaz. Essas conclusões foram possíveis em virtude de o estudo apresentado responder de maneira clara às questões de estudo traçadas, atingindo, assim, os objetivos específicos. Isso demonstra a eficácia do modelo atual de aperfeiçoamento ante à velocidade do combate no século XXI, tornando desnecessária qualquer mudança de grande vulto.

Assim, sintetizando esse estudo, fica a certeza de que a Missão Militar Francesa foi um marco de transformação incomparável na história do Exército Brasileiro, capacitando-o a cumprir seu papel constitucional de zelar pela defesa da Pátria, pela garantia dos poderes constitucionais e, por iniciativa destes, da lei e da

ordem.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Rodrigo Nabuco. **Missão Militar Francesa**. Disponível em: <http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeirarepublica/MISS%C3%83%20MILITAR%20FRANCESA.pdf>. Acesso em: 16 mai 2016.

BASTOS FILHO, Jayme de Araújo. **A Missão Militar Francesa no Brasil**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1994.

BELLITANI, Adriana. **Instrução Francesa nas Escolas Militares na Década de 20.**Coleção Meira Matos – Revista das Ciências Militares. N. 21, 2010. Disponível em:<http://www.eceme.ensino.eb.br/meiramattos/index.php/RMM/article/view/44/69> . Acesso em: 01 maio 2016

BENJAMIN Constant. In: Online Library of Liberty. Disponível em:< http://oll.libertyfund.org/people/benjamin-constant)> Acesso em 20 jan 2017.

BRASIL. **Manual de Fundamentos EB20-MF-10.102 Doutrina Militar Terrestre.** Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2014.

_____ Lei 3.674, de 7 de janeiro de 1919. Fixa a Despesa Geral da Republica dos Estados Unidos do Brasil para exercício de 1919. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1910-1919/lei-3674-7-janeiro-1919-570619-publicacaooriginal-93752-pl.html>. Acesso em: 03 maio 2016.

_____ Decreto 3741, de 28 de maio de 1919. Autoriza o Governo a contratar, na França, uma missão militar, para fins de instrução no Exercito. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1910-1919/decreto-3741-28-maio-1919-571040-publicacaooriginal-94146-pe.html>. Acesso em: 03 maio 2016.

CANTUÁRIA. Cláudio Beserra de Vasconcelos. **João Tomás Cantuária**. Disponível em:<http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeirarepublica/CANTU%C3%81RIA,%20Jo%C3%A3o%20Tom%C3%A1s%20de.pdf> Acesso em 20 jan 2017.

CAPELLA, Leila Maria Corrêa. **Militares, repúblicas e organização nacional: “os jovens turcos”.** In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 14., 1987, Brasília. Elenco do XIV Simpósio Nacional de História. Cultura e sociedade. Brasília: ANPUH, 1987.

FRAGOSO, A. Tasso. **História da Guerra Entre a Tríplice Aliança e o Paraguai**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1959.

GERHARDT, Tatiana; SILVEIRA, Denise. **Métodos de Pesquisa**. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2009.

GAMELIN. In: Alchetron. In: Alchetron. Disponível em:< https://alchetron.com/Maurice-Gamelin-1230083-W>.Acesso em:19 Jan 2017.

I GUERRA. In: Sohistoria. Disponível em:<http://www.sohistoria.com.br/ef2/primeiraguerra/>Acesso em 20 jan 2017.

MALAN, Alfredo Souto. **Missão Militar Francesa de Instrução Junto ao Exército Brasileiro.** Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1988.

SILVA, Fernando Carlos Souza. **Aspectos Legais do Emprego do Exército na Defesa da Pátria.** Disponível em: <http://www.ambitojuridico.com.br/site/index.php?n_link=revista_artigos_leituraartig_id=1178>. Acesso em: 31 mar 2016.

LIMA, Waldir dos Santos. **Subsídios para a formulação de uma doutrina do Exército.** Mensário de Cultura Militar. Rio de Janeiro, 1962.

SCHWARTZMAN, Simon. **A revolução de 30 e as novas universidades.** In: U m espaço para a ciência: a formação da comunidade científica no Brasil. Brasília: Ministério da Educação e Tecnologia , 2001.

NETTO, Júlio Teodorico Nascimento. Artigo Científico **A Influência da Doutrina Norte-Americana na ECEME**, 2005.

APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO AOS OFICIAIS INSTRUTORES E EX-INSTRUTORES DA ESAO E/OU ECEME

Este questionário tem por objetivo subsidiar informações para a dissertação de mestrado do Cap Art MÁRIO HENRIQUE DE OLIVEIRA COUTINHO DA SILVA, mestrando da Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais (EsAO).

Tal pesquisa será realizada de forma anônima, com o intuito de fornecer subsídios para a dissertação de mestrado, que, uma vez finalizada, estará à disposição para consulta nos arquivos da Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais.

Coloco-me à disposição no e-mail mariohcoutinho@gmail.com.

Ambientação:

O senhor, como instrutor ou ex-instrutor da ESAO e/ou ECEME, foi selecionado para contribuir com suas opiniões a cerca da influência da Missão Militar Francesa na EsAO.

Questões:

O senhor tem costume de ler livros ou artigos referentes à história militar?

( ) Sim

( ) Não

Como o senhor avalia o seu nível de conhecimento em relação a Missão Militar Francesa no Brasil?

( ) Baixo

( ) Médio

( ) Elevado

Enquanto aluno da EsAO o senhor tomou conhecimento de que a mesma, em sua origem, sofreu forte influência da Missão Militar Francesa?

( ) Sim

( ) Não

Como instrutor dos estabelecimentos de ensino citados o senhor acredita que a ênfase nas manobras estáticas e defensivas defendidas pela Missão Militar Francesa permanece arraigada nessas escolas?

( ) Sim

( ) Não

O senhor considera que o estudo do método para resolução de problemas militares ainda é eficaz, considerando as circunstâncias de um combate moderno?

( ) Sim

( ) Não

Os fatores de decisão, missão, inimigo, terreno e meios permanecem sendo ensinados nas escolas militares como forma de se embasar a decisão e solução de problemas. Qual a sua opinião acerca do uso desses fatores? Ainda são eficazes?

_____

_____

_____

_____

_____

_____

_____

_____

Considerando o contexto histórico em que se encontrava o Exército Brasileiro à época da contratação da Missão Militar Francesa, com equipamentos obsoletos, com oficiais despreparados para assumir cargos de Estado-Maior, baixos soldos, contando com baixo prestígio perante a sociedade, com um ensino extremamente técnico e carente de instruções de quadros, o senhor acredita que existe algum paralelo com a situação atual?

( ) Sim

( ) Não

Caso tenha respondido positivamente a questão anterior que aspectos considera relevantes?

_____
_____
_____
_____
_____
_____
_____

O senhor acredita que a Doutrina Militar Francesa continua influenciando o pensamento dos militares aperfeiçoados do Exército Brasileiro?

( ) Sim
( ) Não

Caso positivo considera que essa influência é benéfica?

( ) Sim
( ) Não

Considerações Finais:

Em relação ao assunto, caso exista alguma sugestão que o senhor gostaria de expressar e que não foi abordada pelas questões, o espaço abaixo está disponível para tal.

_____
_____
_____
_____
_____